



Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Tomaz de Oliveira Guimarães

## HÁBITO E HABITAT

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientadora: Prof. Dr. Ana Aparecida Barbosa Pereira

Coorientador: Mark Proosten

Juiz de Fora  
Julho / 2017

Dedico este trabalho a todos os que fazem da arte um meio de engrandecimento social. E a aqueles que de algum modo me ajudaram a ver o belo na Arquitetura.

## Agradecimentos

À minha família e especialmente meus pais, que sempre me envolveram em muito amor e incentivo, abriram as janelas da minha cabeça, me ensinaram a imaginar e fazer das minhas mãos, olhos e espírito, instrumentos de crescimento meu e do próximo. À minha avó, cuja força e alegria são maiores que o mundo. À escola Paineira e meus amigos do jardim, que até hoje me mostram o valor da irreverência, criatividade e da pureza de coração. Aos meus amigos William e Santana que, aos meus olhos, são as pessoas mais incríveis que conheço. À Isadora, sem a qual este trabalho não seria viável. A todos os amigos que depositam sua confiança em mim, fora e dentro da universidade, e me fazem acreditar na minha capacidade de crescer pessoalmente e profissionalmente. À professora Raquel Braga, que me abriu os olhos para a Arquitetura e aos professores Ana Barbosa e Mark Proosten por serem tão gentis ao me acompanharem nestes últimos passos desta primeira caminhada. E finalmente, à minha mãe, que me ensina e possibilita ser tudo o que sou e continua me entendendo e me abraçando mais do que eu imaginaria ser possível.

"I am only interested in the ideas that become obsessive and make me feel uneasy. The ideas that I'm afraid of."

Marina Abramović

## RESUMO

Esta monografia de TCC, trata de estudos que auxiliam no entendimento de como os hábitos e a Arquitetura das habitações relacionam-se entre si, além de refletir sobre o design e sobre como ele corresponde aos padrões de habitação. Em primeiro lugar, foi feito um estudo sobre a abordagem fenomenológica da Arquitetura e como aspectos imateriais, como a memória e os sentidos, influenciam a percepção do espaço. Em seguida, fez-se uma linha do tempo da cidade de Rotterdam, na Holanda, para obter-se um panorama dos fatos mais importantes que marcaram o desenvolvimento da cidade - o Sternstunden. Seis projetos de habitação, entre os anos 1900 e 2000, foram analisados como estudos de caso, o que evidenciou o reatamento na Arquitetura das reflexões teóricas e pesquisas históricas feitas anteriormente.

Palavras-chave:

Hábito. Habitação. Rotterdam.

## ABSTRACT

The goal of this work is to understand how habits and dwelling Architecture are related to each other, to reflect upon the design and how it corresponds to the dwelling patterns. Firstly it was made a study of the phenomenological approach of Architecture and how immaterial aspects, such as memory and senses, impact on the perception of space. Followed by a historical timeline of the city of Rotterdam, Netherlands, to have a panorama of the most important facts that marked the development of the city - the Sternstunden. Six dwelling schemes, from the 1900s to the 2000s, were analyzed in a study case that evidenced the previous theoretical reflections and historical research reflected in Architecture.

### Key-words

Habit. Dwelling Architecture. Rotterdam.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	08
1. IMATERIALIDADE DA MORADIA - O LAR .....	09
1.1. O que é um hábito? .....	10
1.2. Espaço Existencial .....	17
1.3 Arquitetura dos Sentidos .....	25
2. A VIDA NOS PAÍSES BAIXOS, ROTTERDAM .....	34
2.1. Panorama histórico .....	36
2.2. Linha Tipológica do Tempo .....	65
3. TRAÇANDO CONCLUSÕES .....	87
POSFÁCIO .....	98
BIBLIOGRAFIA .....	99

## Introdução

Ao viver a vida cotidianamente, não refletimos sobre nossos rituais ou sobre os edifícios que nos rodeiam. Na maioria das vezes, realizamos nossa rotina sem estarmos conscientes do sistema de hábitos e do espaço físico para o qual ela está condicionada. Nos esquecemos que comportamento e Arquitetura estão relacionados intimamente um ao outro.

A Arquitetura é o meio material que abriga a vida, é para o ser humano o que a natureza é para outros animais - o habitat. A interação do comportamento humano e do espaço, a forma com que a cultura e os valores são aplicados nas muitas formas de habitação, cria um ambiente no qual se encontra conforto e se sente em casa. O habitat é, nesse sentido, a sinergia de nossos atos considerados "além da consciência" - nossos hábitos - com o espaço, sendo o lar a parte do habitat na qual vivemos. Por conseguinte, é impossível engajar-se adequadamente com a Arquitetura sem se envolver com a vida dos habitantes, os padrões de habitação e os hábitos. Além disso, considerando que a forma como se experimenta a Arquitetura é um produto da cultura, e ela deve ser um reflexo de seu tempo e lugar na história.

Levando isso em conta, este trabalho pretende discutir como os hábitos e a Arquitetura se relacionam, considerando os contextos históricos e culturais que influenciam o comportamento humano e a Arquitetura. Um primeiro capítulo traça apontamentos sobre fenomenologia e percepção do espaço, passando por temas como Arquitetura vernacular e pensamento sensorial, adotando como principal referência os autores Juhani Pallasmaa e Paul Oliver. O segundo capítulo desenvolve conteúdos com o propósito de associar o tempo e o espaço às tipologias de habitação na cidade de Rotterdam, percebendo como o contexto histórico se relaciona com a Arquitetura. O encerramento desta monografia, através de uma breve conclusão, busca extrair correlações e sínteses sobre o desenvolvido ao longo do trabalho, no intuito de apontar possibilidade à etapa dois deste TCC .

## 1. IMATERIALIDADE DA MORADIA - O LAR

## 1.1. O que é um hábito?

Quando alguém se levanta da cama pela manhã e passa por seu habitual ritual de acordar, não há muito sobre o que refletir. Não pensamos em por que motivo preferimos beber chá naquela caneca amarela enorme ao invés da xícara de porcelana chique que sua tia trouxe de Paris pra você; não perdemos tempo nos perguntando por que espreguiçamos na cama; e certamente não questionamos o porquê de nossos animais de estimação sempre virem tão felizes nos desejar bom dia.

Rituais, como normalmente os entendemos, são uma variedade de ações que se repetem com certa regularidade. Existem duas definições complementares que explicam com precisão o significado de "ritual" no contexto deste trabalho. De acordo com o *Oxford Dictionary*, um ritual é "uma série de ações ou tipo de comportamento regularmente e invariavelmente praticado por alguém"<sup>1</sup>, ou, de forma complementar, como definido pelo *Cambridge Dictionary*, "um ritual é também qualquer ato feito regularmente, geralmente sem se pensar sobre"<sup>2</sup>. Essas ações mencionadas podem ser conscientemente aprendidas, como acontece, por exemplo, em uma coreografia ou ao treinar um instrumento; por outro lado, existem alguns rituais que absorvemos inconscientemente a partir do nosso habitat. Seja este habitat nossa família, nossa vizinhança ou até mesmo o nosso país, existem algumas coisas que aprendemos simplesmente por repetição, a partir do que vivenciamos no nosso contexto.

É possível imaginar que ver, ao longo da infância, o pai pegando uma caneca grande de chá quente com as duas mãos em uma manhã fria de inverno, provoca no filho o instinto de fazer o mesmo para aquecer as próprias mãos, o que não aconteceria com um copo normal. Então, embora não se pense antes de executar esse tipo de ações, elas não são de todo arbitrarias. No entanto, mais importante é entender o que as desencadeou - uma deliberação racional dos aspectos

---

<sup>1</sup> DICIONÁRIO Oxford University Press, 2017. Oxford Dicionários. Acesso em: 01 maio 2017. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/>

<sup>2</sup> DICIONÁRIO Cambridge University Press, 2017. Cambridge Dictionary. Acesso em: 01 maio 2017. Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org/>

convenientes e inconvenientes de fazê-las ou uma resposta natural e instintiva a o que é melhor em uma determinada situação? Esta questão é provavelmente melhor compreendida com o seguinte exemplo do ritual de dormir no norte do Brasil.

Geralmente, quando crescem no nordeste do Brasil, as crianças aprendem a dormir em redes desde cedo, o que é muito incomum se considerarmos o que normalmente é feito no Sul ou Sudeste deste país, por exemplo. Segundo o historiador e antropólogo brasileiro Luís da Câmara Cascudo<sup>3</sup>, esse costume não vem da impossibilidade de dormir em um colchão, nem está relacionado ao status social, educação ou ao tamanho de cada cidade. As pessoas crescem vendo seus pais fazê-lo e não ponderam racionalmente sobre ergonomia, custo ou segurança. A ação não é consequência de uma decisão bem pensada, mas está mais relacionada ao seu contexto histórico, uma herança dos antepassados indígenas, que já carregavam esse padrão comportamental em sua cultura. É por isso que a história de um lugar e de um povo está profundamente enraizada em seus rituais, costumes e hábitos.

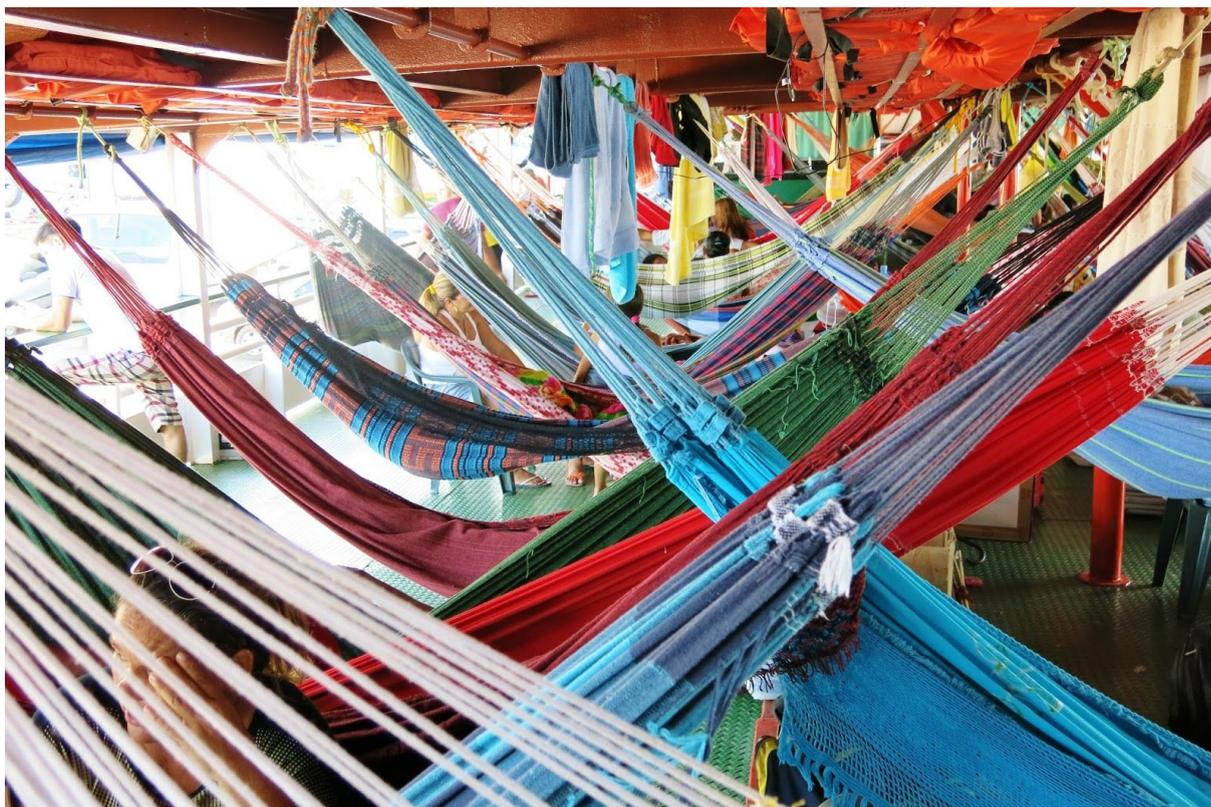


Fonte: Dwellings, The Vernacular House World Wide, p.51 (Oliver 2003)<sup>4</sup>

<sup>3</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Rede de Dormir: uma Pesquisa Etnográfica. São Paulo: Global, 2003.

<sup>4</sup> OLIVER, Paul, 2003. Índios Yanomâmis em sua unidade de habitação na Floresta Amazônica, Brasil/Venezuela. In: OLIVER, Paul, Dwellings, The Vernacular House World Wide: Phaidon Press, p.51. ISBN 0714847933

Neste caso, houve uma continuidade desta tradição, como pode ser observado não só nas habitações de hoje em dia, mas também, por exemplo, nas acomodações dos barcos de transporte de passageiros no rio Amazonas, garantindo que a história de um lugar e de um povo está profundamente enraizada em seus rituais, costumes e hábitos sociais.



Fonte: Nativos do Mundo, 2014 <sup>5</sup>

Um costume é, portanto, entendido aqui como um padrão comportamental amplamente aceito, um hábito típico/tradicional em uma determinada sociedade, época ou lugar<sup>6</sup>. Exatamente como no exemplo anterior, no qual o hábito de dormir em uma rede é tanto uma escolha pessoal, mas sim um hábito bastante típico em toda a região.

Um hábito, por sua vez, é uma reação automática a situações triviais<sup>7</sup>, na maioria das vezes sendo até mesmo uma resposta inconsciente a como se deve

---

<sup>5</sup> CHRIST, Ana, 2014. Acomodações em um barco de transporte de passageiros entre as cidades de Tefé e Manaus, capital do estado do Amazonas, no Brasil. Nativos do Mundo. Acesso em: 01 maio 2017. Disponível em: <http://www.nativosdomundo.com.br/2014/10/pelosolimoos.html>

<sup>6</sup> DICIONÁRIO Oxford University Press, 2017. Oxford Dicionários. Acesso em: 01 maio 2017. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/>

<sup>7</sup> DICIONÁRIO Oxford University Press, 2017. Oxford Dicionários. Acesso em: 01 maio 2017. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/>

comportar. É a tendência - normalmente difícil de abandonar - de realizar uma ação de uma maneira específica.

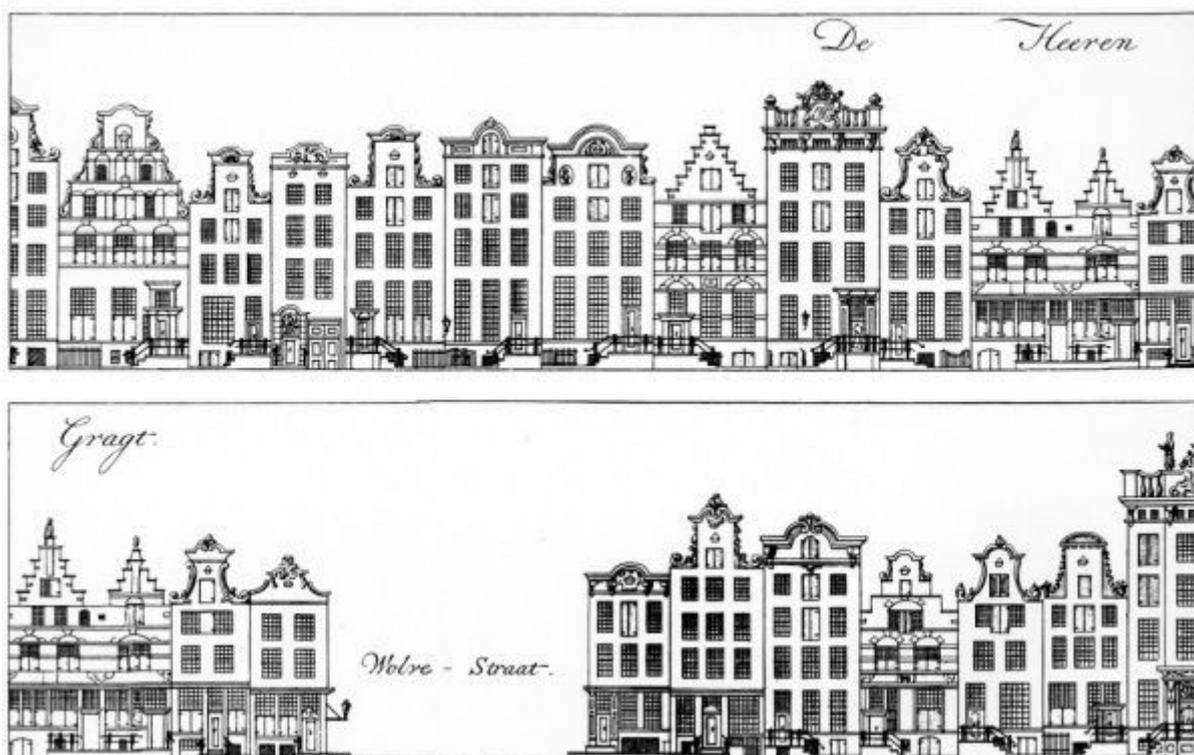
Os hábitos de alguém são intrínsecos à sua personalidade e ao seu background, razão pela qual não se pensa ao realizá-los, eles já fazem parte do ser. Juhani Pallasmaa (2005) reforça essa ideia, defendendo que os comportamentos mais comuns são a verdadeira expressão do que chamamos de nossa "*inner mental landscape*".

Desse modo, hábitos estão intimamente relacionados a um determinado espaço e tempo - um contexto -, como o hábito de sempre tirar os sapatos ao entrar em uma casa na tradição japonesa ou, em uma escala familiar, o hábito de louvar a Deus antes da refeição; pode também estar relacionado a um traço de personalidade, como organizar coisas em uma determinada ordem ou padrão específicos. Mesmo que esses padrões comportamentais também possam ser um costume cultural e não apenas o hábito pessoal de alguém, o mais importante é como ele é realizado. Há muitas famílias que rezam antes de comer, mas como exatamente isso acontece? Será que as pessoas fazem isso sozinhas ou se dão as mãos? Elas se curvam ou ficam de pé? O chefe da família faz a oração ou todos cantam juntos? Eles adoram a Allah, Krishna, Iemanjá, Cristo ou Buda? Existem diversas peculiaridades em como se executa uma ação ordinária e esses refinamentos são, essencialmente, no que consiste um hábito.

Neste ponto, é plausível questionar quais condições definem ou pelo menos induzem um determinado comportamento, o que molda as particularidades de um hábito. Espaço e tempo são as principais condicionantes da vida e do hábito: todo contexto cultural ou histórico é uma questão de onde e quando. Costumes mudam ao longo do tempo em um determinado lugar e podem, da mesma forma, ser diferentes em dois lugares ao mesmo tempo. A Arquitetura portanto, enquanto produto do seu tempo, interfere intimamente em nossos hábitos, assim como - e de forma ainda mais importante - o contrário também é verdadeiro.

O desenvolvimento da Arquitetura e as adaptações que sofreu ao longo da história são, em geral, consequência da mudança dos hábitos da sociedade. Para

melhor ilustrar essa metamorfose na arquitetura através do tempo, a tipologia de habitação holandesa (a ser discutido mais adiante neste trabalho) é um exemplo válido.



Fonte: Digitaal Grachtenboek, 2017 <sup>8</sup>

Com a crescente popularidade das janelas guilhotina nos Países Baixos desde o final do século XVII, o que separava a vida pública e privada nas *canal houses* do século XVIII era a diferenciação de níveis entre a rua e um piso térreo elevado. Mesmo que essas grandes superfícies transparentes parecessem contradizer o limite que as janelas anteriormente representavam, o nível elevado da porta de entrada contemplou um novo desejo social de distanciamento entre o público e o privado. Neste caso, a Arquitetura parece ter conseguido aliar em sua concepção uma tendência estética às necessidades de um novo padrão de comportamento (CIERAAD 1999).

Algumas vezes, no entanto, em meados do século XX, como ocorreu em

---

<sup>8</sup> JACOBSZON, Caspar Phillips, 2017. Desenho do Herengracht (Gentleman's Canal) em Amsterdam, mostrando a grande janela guilhotina e a entrada elevada das canal houses do século XVIII. Digitaal Grachtenboek. Acesso em: 02 maio 2017. Disponível em: [https://www.webzin.nl/database/grachtenboek\\_afbeeldingen.php?id=1793](https://www.webzin.nl/database/grachtenboek_afbeeldingen.php?id=1793)

projetos modernistas, as mudanças na Arquitetura não vieram como uma consequência, mas como uma intenção de propor hábitos diferentes em contraste com aqueles que já existiam. Uma cidade como Brasília, por exemplo, foi inteiramente concebida como resposta às necessidades de uma sociedade ideal moderna, sugerindo um novo modo de vida (STENZEL, 2012). O sucesso do projeto dependerá, evidentemente, da forma como os habitantes se adaptam ao projeto.



Fonte: TATE, 2017 <sup>9</sup>

Levando em consideração a quarta dimensão da arquitetura, o aspecto da

---

<sup>9</sup> BURRI, René, 1960. Trabalhador mostrando a moderna cidade de Brasília para sua família. O contraste entre as escalas humana e arquitetônica, além da realidade social é evidente. TATE. Acesso em: 01 julho 2017. Disponível em: <http://www.tate.org.uk/art/artworks/burri-worker-for-nordeste-shows-his-family-the-new-city-designed-by-oscar-niemeyer-on-p14308>

flexibilidade é muito relevante nos projetos urbanos e arquitetônicos. As cidades e a arquitetura devem ser adaptáveis à variável dinâmica de vida. Se o hábito e o habitat são considerados como um todo no projeto, apesar das mudanças ao longo do tempo, permanecerão em congruência mútua, permitindo que o espaço se desenvolva de acordo com as demandas sociais. Corroborando a importância de compreender essa interação do subconsciente e do meio ambiente - o habitat -, Pallasmaa escreve sobre a percepção fenomenológica da vida cotidiana:

The existentially most important knowledge of our everyday life - even in a highly technological culture - does not reside in detached theories and explanations, but in a silent knowledge beyond the threshold of consciousness, fused with the daily environment and behavioral situations.<sup>10</sup>

Para compreender melhor como esses comportamentos triviais, independente da nossa falta de consciência, formarão o habitat que chamamos de lar. É muito importante tomar a tipologia da habitação como um tópico de pesquisa.

O lugar onde essa relação entre hábito e arquitetura é mais evidente é no espaço doméstico. A casa é o lugar que hospeda nossos rituais mais íntimos, nossas memórias, souvenirs e pessoas queridas. É onde mais nos aproximamos da nossa atmosfera ideal, o habitat mais equilibrado, onde é possível expressar-se em seu estado mais primário – conhecer-se de maneira mais sincera. Por isso é tão importante levar em conta a tipologia da habitação, para entendermos melhor esses comportamentos triviais que, apesar de não percebermos, formam o habitat que chamamos de lar.

---

<sup>10</sup> PALLASMAA, Juhani. Identity, Intimacy and Domicile. In. PALLASMAA, Juhani. Encounters 1. Helsinki: Rakennustieto Oy, 2005.

## 1.2 Espaço Existencial

A chair is still a chair  
Even when there's no one sittin' there  
But a chair is not a house  
And a house is not a home  
When there's no one there to hold you tight  
And no one there you can kiss goodnight

A room is a still a room  
Even when there's nothin' there but gloom  
But a room is not a house  
And a house is not a home  
When the two of us are far apart  
And one of us has a broken heart<sup>11</sup>

Devido à excepcional performance da canção "*A House is not a Home*" por Dionne Warwick e sua tocante melodia, a poesia por trás desses versos pode passar despercebida. No entanto, ao interpretar seu texto, pode-se facilmente notar a desmaterialização do significado de "*home*" (lar). A diferenciação entre seus aspectos materiais e imateriais - respectivamente, a casa ("*house*") e a presença do amor - estabelece uma autonomia entre ambos os conceitos de "casa" e "lar". Um pode existir sem o outro.

Quando se pensa em lar, a maioria das pessoas pensa automaticamente em sua própria casa. Embora o conceito de lar esteja, sem dúvida, relacionado ao objeto arquitetônico - a casa -, ele vai além disso. A sensação de chegar em casa, de estar em casa, está mais relacionada à forma como se sente do que ao lugar em que isso acontece. Nossa casa é o espaço físico onde estamos livres para realizar nossas rotinas e expressar-nos, e é através dessas manifestações - nosso modo particular de existir - que construímos nosso lar.

A house is the container, the shell, for a home. The substance of a home is secreted by the dweller, as it were, within the framework of the dwelling. Home is an expression of the dweller's personality and his unique patterns

---

<sup>11</sup> BACHARACH, Burt; DAVID, Hal. *A House is not a Home*. Interpreted by Dionne Warwick, 1964.

of life. Consequently,<sup>12</sup> the essence of home is closer to life itself than to the artifact of the house.

Este trecho ajuda a reforçar a idéia de que, embora os arquitetos sejam capazes de fornecer às pessoas um abrigo material para viver, a autenticidade de uma habitação é relacionada à vida de seus habitantes. O sentimento de se sentir em casa depende de como eles se relacionam e assumem o controle do espaço e se o objeto arquitetônico permite que eles o façam.

Enquanto a Arquitetura sugerir um *layout* específico ou um padrão de vida em seu design, dependerá do morador se envolver e dar sentido ao espaço. Quando a propaganda arquitetônica exhibe salas sem vida e vazias, a Arquitetura adquire uma postura auto-referencial, perdendo o vínculo com a vida do habitante e, portanto, seu propósito. A seguir, as duas fotos da Casa Asama, um projeto do Atelier BOW WOW, em Karuizawa, Japão, exemplificam exatamente esse ponto de vista. Existe uma dicotomia entre essas duas perspectivas do mesmo espaço: em uma foto, o objeto arquitetônico está em evidência, enquanto a própria vida é o protagonista na segunda.

---

<sup>12</sup> PALLASMAA, Juhani. Lived Space. In. PALLASMAA, Juhani. Encounters 1. Helsinki: Rakennustieto Oy, 2005.



Fonte: Behaviorology, p.141-142 (Atelier Bow Wow 2014) <sup>13</sup>

Muito pode ser dito sobre o habitante pela foto à direita. A maneira como o ambiente é exibido, sem uma preocupação estrita com a estética, transforma a sala em uma expressão da vida do morador. Torna-se seu habitat.

A exposição de Marina Abramović *The Artist is Present*<sup>14</sup> ("O Artista está Presente"), no MoMA Nova Iorque, em 2010, é o exemplo perfeito de como a autêntica arte é muito mais sobre a pessoa com quem interage do que sobre si mesma. Para a performance principal, os visitantes chegavam um por um, sentavam-se de frente para a própria Marina e então visitante e artista se encaravam em silêncio por quanto tempo fosse necessário. As reações variavam de incompreensão a lágrimas, risos, raiva, sorrisos felizes ou desconfortáveis. Cada um reagiu de uma maneira diferente, pois não se tratava da performance de arte em si, mas sim do que ela evoca, a interpretação subjetiva de cada pessoa. Olhar diretamente nos olhos da artista transformou-se em uma experiência de olhar a si próprio em um espelho, permitiu aos visitantes refletir seu próprio ser em algo

<sup>13</sup> ATELIER BOW WOW, 2010. House Asama, Karuizawa. In: ATELIER BOW WOW, Behaviorology: Rizzoli, p.141-142. ISBN 0847833062

<sup>14</sup> Marina Abramovic: The Artist is Present, 2012. Dirigido por AKERS, Matthew, Jeff DUPRE. EUA: Show of Force.

concreto.



Fonte: Cena do filme "Marina Abramovic: The Artist is Present", 2012<sup>15</sup>

Analogamente, um apartamento de aluguel hospeda, ao longo do tempo, diversos *layouts* e decorações, precisamente porque se torna a expressão (um espelho) de cada pessoa que lá viveu (ROSSELIN, 1999). Não apenas o reflexo do que concerne às necessidades básicas, mas também do seu contexto cultural, sentimentos, paixões e comportamento. São questões que vão além da rigidez material do objeto para atingir um novo nível de significado.

No entanto, o aspecto material da arquitetura também é importante para que possamos assumir o controle do lugar que estamos habitando. Constantemente, usamos alguns artefatos para fazer-nos sentir confortáveis em habitats estrangeiros: tentamos criar lares em novas casas, no trabalho, quartos de hotel e até mesmo quando não há quarto algum, assim como fazem as pessoas desabrigadas, onde quer que estejam. Móveis, fotos, objetos queridos e *souvenirs* podem nos ajudar a criar um ambiente seguro, onde encontramos nosso conforto - não apenas físico,

---

<sup>15</sup>Marina Abramovic: The Artist is Present, 2012. Dirigido por AKERS, Matthew, Jeff DUPRE. EUA: Show of Force.

mas também enquanto estado de espírito.

O conforto é, portanto, condicionado pelos aspectos materiais e imateriais. Não só o espaço físico da arquitetura, mas também a sua iluminação, cheiros, texturas e tantos outros condicionantes enriquecem, juntos, a experiência de lar. Baseada nas experiências de vida, essa percepção interior de o que um espaço arquitetônico significa individualmente é aqui chamado de memória corporificada.

Em seu artigo intitulado *The Ins and Outs of the Hall: A Parisian Example* ("Os Meandros do Hall: Um Exemplo Parisiense"), Céline Rosselin (1999) explica porque o hall é um elemento tão importante em um apartamento parisiense: não é apenas devido à sua função distributiva, mas, principalmente, porque é onde ocorre a transição entre o espaço público e a intimidade do lar; é o limite abstrato que protege a privacidade do morador. O mais interessante é que algumas pessoas recriaram o significado do hall, mesmo quando não tinham um, colocando um cabideiro na entrada ou apenas um pequeno tapete para deixar os sapatos. Isso indica que, para elas, mais importante do que o espaço físico do hall em si, é a memória incorporada do ritual de se chegar em casa.

Pessoalmente, a memória que eu tinha, enquanto criança, do que era entrar em casa estava relacionada com o ato de me curvar em direção ao meu cachorro, que estava sempre esperando por mim atrás da porta. Nossa interação nesses momentos significava para mim que, a partir daquele ponto, eu estava em casa. Significava que eu tinha acabado de entrar em meu ambiente seguro e confortável. Mais tarde, quando me mudei, perdi imediatamente a sensação de retorno à casa. As ruas da cidade invadiram metaforicamente minha casa com seu vazio impessoal - o limite havia desaparecido. Como consequência natural da mudança de habitat, essa transição mental entre o espaço público e o privado tornou-se o ato de trocar meus sapatos de sair pelos meus sapatos de ficar em casa. Ainda mais importante - apesar da mudança de hábito, eu podia atingir o meu *state of home* de ambas as formas.

Algumas vezes ao projetar, o arquiteto tende a separar seu ser profissional de seu próprio eu. Temos a intenção de fazer boa arquitetura, mas às vezes buscamos

isso através de um foco exacerbado em estética, regras e padrões. Contudo, o ser humano é mais complexo e caótico do que supomos que seja e é apenas através da captura da essência do morador e de seu modo singular de se ser que podemos começar a conceber uma casa adequada para ele ou ela. O projeto deve ser o resultado da interação pessoal e profunda entre o artista (arquiteto) e o futuro morador, o projeto enquanto a materialização de seus hábitos (PALLASMAA, 2008).

Embora nós arquitetos sejamos capazes de fornecer às pessoas um abrigo material para viver, uma autêntica moradia sempre depende da vida do morador. Também depende deles a sensação de estar em casa ou não. Como em outras expressões de arte, a Arquitetura é capaz de sugerir. A tentativa de fazer mais do que isso irá destiná-la à ruína. Os moradores, não se adaptando a ela, provavelmente irão modificar sua estrutura ou sair.



Fonte: Farnsworth House, 2017 <sup>16</sup>

Casos como o de Mies van der Rohe e sua cliente, a Dra. Edith Farnsworth, a respeito da *Farnsworth House*, exemplificam o descontentamento dos habitantes

---

<sup>16</sup> HIGHSMITH, Carol, 2017. Farnsworth House, de Mies van der Rohe. Farnsworth House. Acesso em: 27 maio 2017. Disponível em: <http://farnsworthhouse.org/portfolio-items/river-views/?portfolioCats=80>

causado por uma incompatibilidade entre eles mesmos e o projeto da casa. A intenção aqui não é subestimar esta obra-prima da Arquitetura, mas apontar uma perda de consideração para com o morador em alguns projetos, que, com o objetivo de fazer uma importante declaração estética, distanciam-se da vida do morador (PALLASMAA, 2015).

Mesmo que tenhamos aprendido a projetar casas e não lares, a Arquitetura deveria proporcionar aos seus moradores a autonomia de que necessitam, o que significa que ela deveria ser - metafórica e literalmente - moldável e adaptável, visto que comportamentos e hábitos estão em constante processo de mudança. No entanto, às vezes o ambiente com que estamos lidando não nos permite qualquer adaptação, não nos permite nos espelharmos nele. Quando, mesmo com a mudança de hábitos, não se pode encontrar conforto em um determinado lugar, torna-se impossível criar uma identidade com o habitat. Uma casa que não se dá a possibilidade de ser um lar é uma mera construção, vazia de sentido. Por outro lado, a boa Arquitetura - não meramente narcisista e auto-referenciada - se propõe a acolher diferentes tipos de programas, pessoas, hábitos e comportamentos, porque foi projetada para ser a própria expressão de seu habitante, adaptável em seu significado para corresponder à concepção de lar do morador.

Paul Oliver escreve sobre arquitetura vernacular e sobre como o *background* cultural e a identidade de um povo se refletem no design de suas habitações. Ele argumenta que o simbolismo na Arquitetura é uma consequência de comportamentos culturais, considerando a casa como a encarnação dos valores do grupo a que pertence.

Societies and individuals attach significance to their houses that relate to their value systems, ranging from personal identification with the home, to the cosmic symbolism of the dwelling, its location and orientation. We have seen that, in the processes of building, in the organization of space, the subtleties of detail, even in the disposition of domestic articles and the patterns of daily use, the dwelling has significance. Sometimes explicit. sometimes wholly implicit. this may be expressed in built form and details. in spatial organization, or through sacred and secular symbolism and decoration. But in every case, these factors reflect the behaviors, customs and beliefs, and the hierarchies, values and aspirations of the members of the cultures concerned.

They need to be articulated in the building of new dwellings or the adaptation and upgrading of traditional ones in each and every cultural context.<sup>17</sup>

O sentimento de identidade que se tem com um lugar é uma consequência da interpretação de cada experiência corporificada que se tem no mesmo. Por sua vez, o modo que alguém o experiência está intimamente relacionado com seus hábitos, inserção cultural, memória e sentidos. Estar ciente da importância destes e de seu papel na percepção do espaço ao nosso redor, nos torna mais conscientes de como vivenciamos a Arquitetura e, portanto, de como articular estes parâmetros quando fazendo um projeto.

---

<sup>17</sup> OLIVER, Paul. *Dwellings, The Vernacular House World Wide*. Nova York: Phaidon Press, 2003.

### 1.3. Arquitetura dos sentidos

Em seu artigo "*Identity, Intimacy and Domicile - Notes on the phenomenology of Home*", Pallasmaa descreve o que ele chama de sua *experiential home*, que, nas palavras dele, está mais intimamente relacionada à sua memória do que a um ambiente físico.

Regardless of having lived in eight houses as a youngster, I have only had one experiential home in my childhood. My experiential home seems to have traveled with me and constantly transformed into new physical shapes as we moved. My home was more in my memory and mind than in any particular physical setting, or perhaps more accurately, my mind transformed each one of numerous settings into the unique image of home.<sup>18</sup>

O que o autor defende neste artigo é o fato de a percepção da arquitetura estar mais relacionada à nossa memória corporificada do que à sua materialidade. A importância e significado que um lugar tem não se deve apenas ao lugar em si, mas principalmente a o que lá foi feito<sup>19</sup>.

A imagem de cidades grandes (e turísticas) como Paris ou Nova York pode ser de total alegria e satisfação para um visitante, como pode ser de uma rotina caótica, barulhenta e esmagadora para um trabalhador da cidade. Não significa que uma seja mais verdadeira ou autêntica do que a outra, apenas reforça a cidade como um lugar aberto à interpretação, onde cada um constrói a sua própria impressão, de acordo com a sua experiência.

As seguintes imagens do filme *Paris Je t'aime* mostram duas perspectivas completamente diferentes da cidade pelo olhar de dois diretores diferentes. O primeiro é bastante romantizado, enquanto o segundo mostra a longa jornada de uma pessoa comum para o trabalho, no metrô.

---

<sup>18</sup> PALLASMAA, Juhani. *Identity, Intimacy and Domicile*. In: PALLASMAA, Juhani. *Encounters 1*. Helsinki: Rakennustieto Oy, 2005.

<sup>19</sup> Ao descrever as "hidden zones" (zonas ocultas) em *American offices*, Edward T. Hall escreve que, depois de muitas entrevistas com funcionários de escritório, ele chegou à conclusão de que o que se poderia fazer nessas zonas determina como seu espaço é identificado. T. HALL, Edward. *The Hidden Dimension*. Garden City: Anchor Books, 1990.



Fonte: Cenas do filme "Paris Je t'aime", 2007<sup>20</sup>

A maneira com que alguém se identifica com um lugar e constrói uma imagem pessoal dele depende muito dos sentidos e de quão sensorialmente

---

<sup>20</sup> Paris Je t'aime, 2007. Dirigido por Tom TYKWER, Walter SALLES e Daniela THOMAS. Alemanha: First Look Studios.

atraente esse lugar é. Uma experiência holística de espaço cria uma memória mais complexa e multidimensional. Em consequência, é criado um vínculo entre o espaço e o eu, que acaba por se conformar como a identidade que se tem do espaço.

O objetivo da exposição *The Art of Scent* (1889-2012) era apresentar a identidade de um momento ou de um fato específico/icônico na história através do cheiro. Ela foi a primeira grande exposição do museu a reconhecer o aroma como um importante meio de expressão artística. Cada cheiro foi selecionado pelo curador Chandler Burr para revelar a evolução da estética no meio ou para ilustrar as principais inovações no design de aromas.<sup>21</sup>



Fonte: Teaching Photo, 2013 <sup>22</sup>

Esta iniciativa mostra a importância de um sentido muitas vezes negligenciado, não só para reconhecer, mas para criar uma imagem figurativa.

---

<sup>21</sup> KINO, Carol, 2012. *Fragrances as Art, Displayed Squirt by Squirt 'The Art of Scent' at the Museum of Arts and Design* [online]. [Acesso em 20 junho 17]. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/11/16/arts/design/the-art-of-scent-at-the-museum-of-arts-and-design.html?page-wanted=all&r=0>

<sup>22</sup> MUSEUM OF ARTS AND DESIGN, 2013. *Exibição "The Art of Scent"*. Teaching Photo. Acesso em: 20 abril 2017. Disponível em: <https://teachingphoto.wordpress.com/2013/02/06/exhibit-art-of-scent/>

Embora a palavra "imagem" seja comumente relacionada estritamente ao sentido da visão, neste caso é usada para se referir a uma percepção totalmente cinestésica de uma situação, tempo ou lugar.

Normalmente, a visão é o sentido através do qual forma-se a primeira impressão da Arquitetura. Sua importância, no entanto, não deve ser superestimada. Se a identificação depende de uma experiência holística, todos os sentidos funcionam como um todo para apreender de forma completa o espaço. Apesar disso, alguns projetos têm um apelo visual intencional, são primordialmente (e, às vezes, exclusivamente) feitos para agradar os olhos, sendo o resto do projeto uma mera consequência disso. Torna-se, então, uma arquitetura de propaganda e imagem visual memorável.

Juhani Pallasmaa, em seu livro *The Eyes of the Skin* - que foi uma das principais referências para este ensaio - também considera a valorização exagerada da visão no projeto arquitetônico como uma das causas do distanciamento entre a Arquitetura e o ser:

I believe that many aspects of the pathology of everyday architecture today can likewise be understood through an analysis of the epistemology of the senses, and a critique of the ocular bias of our culture at large, and of architecture in particular.<sup>23</sup>

Ele argumenta que, não só na Arquitetura, mas também na cultura ocidental, a visão vem sendo considerada o mais importante entre os sentidos. Portanto, o modo como a sociedade pensa e age é muito influenciado pela predileção pelos olhos. O resultado dessa inclinação para a estética<sup>24</sup> e a consequente supressão dos outros sentidos na Arquitetura é a separação entre o objeto e o eu. Nos tornamos espectadores de uma forma de arte que é, fundamentalmente, feita para abrigar a vida humana.

Alguns projetos supervalorizam a estética, privilegiando os recursos visuais da Arquitetura aos hábitos humanos primários, tentando mudar sua natureza. Adelyn

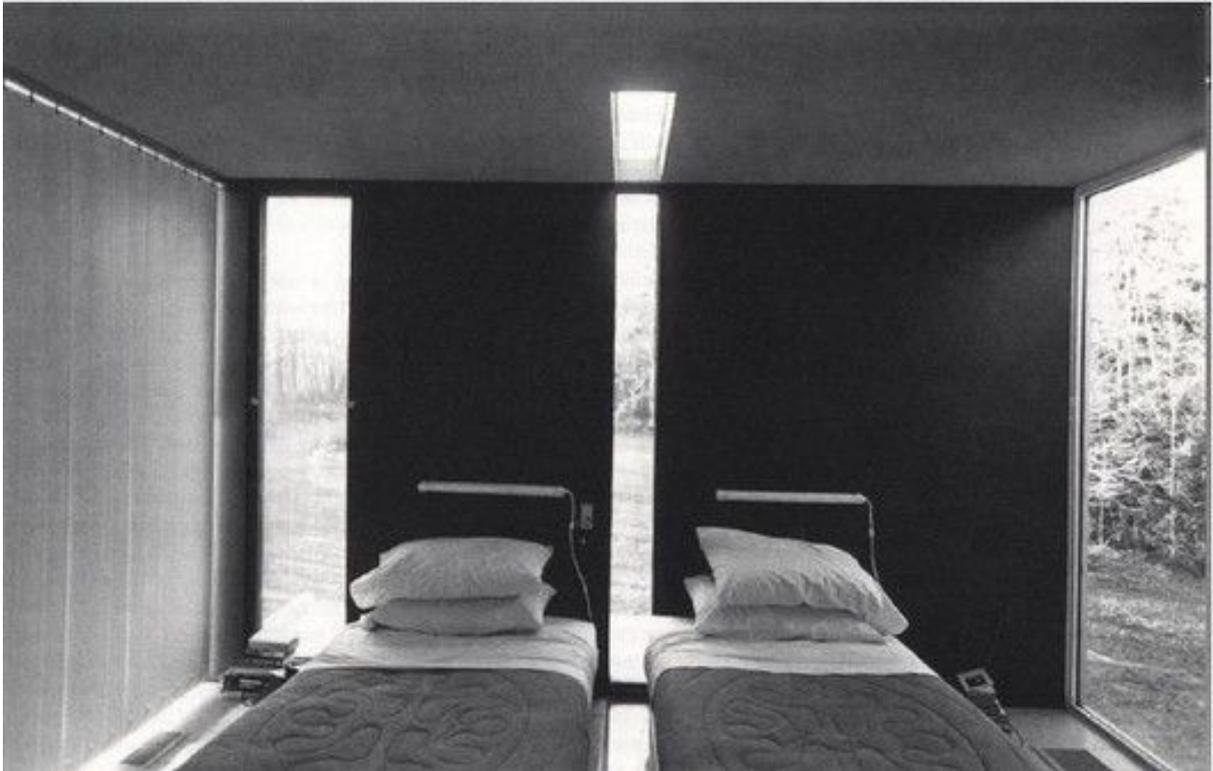
---

<sup>23</sup> PALLASMAA, Juhani. *The Eyes of the Skin*. Chichester: John Wiley & Sons, 2008.

<sup>24</sup> DICIONÁRIO Oxford University Press, 2017. Oxford Dicionários. Acesso em: 01 maio 2017. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/>

Peres escreve sobre o projeto House VI, de Peter Eisenman:

He made it difficult for the users so that they would have to grow accustomed to the architecture and constantly be aware of it. For instance, in the bedroom there is a glass slot in the center of the wall continuing through the floor that divides the room in half, forcing there to be separate beds on either side of the room so that the couple was forced to sleep apart from each other.<sup>25</sup>



Fonte: Arch Daily, 2010 <sup>26</sup>

Da mesma forma que a subestimação do comportamento humano e do *background* cultural, uma superestimação do aspecto estético da Arquitetura também leva a um design que não se envolve completamente com o ser. Essa atitude niilista leva a criação de uma Arquitetura que na maior parte das vezes - se não sempre - toma a si mesma como referência, podendo ser atrativa de algum modo, mas não atingindo seu propósito social. É nesse momento que morador e morada são separados um do outro, que os hábitos e o habitat não estão em

---

<sup>25</sup> PERES, Adelyn, 2010. AD Classics: House VI / Peter Eisenman [online]. [Acesso em 26 abril 2017]. Disponível em: <http://www.archdaily.com/63267/ad-classics-house-vi-peter-eisenman/>

<sup>26</sup> NJIT, 2010. AD Classics: House VI Peter Eisenman. Arch Daily. Acesso em 26 abril 2017. Disponível em: <http://www.archdaily.com/63267/ad-classics-house-vi-peter-eisenman/>

sincronia alguma e a Arquitetura perde seu significado.

Como foi discutido no tópico anterior, para encontrar conforto, o morador tem que se refletir no objeto arquitetônico, interagir com ele. Portanto, quanto mais sensoriais, culturais e pessoais forem as referências que se obtém do espaço, mais em casa se sente. O conforto, dessa forma, está intimamente relacionado com a forma como a Arquitetura se apresenta ao habitante e a quão holisticamente atraente ela é para ele.

Como escreve Edward T. Hall (1990), os olhos são receptores de informação à distância, que, ao contrário da pele, não precisam de contato íntimo para perceber um objeto. Por esse motivo, eles não necessariamente aproximam observador e objeto, de modo que, para sentir sua textura ou temperatura, é preciso aproximar-se para uma interação mais íntima. Certamente, a textura de um objeto pode ser reconhecida com os olhos, sem que seja obrigatoriamente necessário tocá-lo; da mesma forma, pode-se construir uma imagem visual de um objeto apenas tocando-o, como a maioria das pessoas cegas normalmente faz. Esse é um ponto chave do discurso fenomenológico de Edward T. Hall em seu livro: nenhum sentido é suficiente por si só.

Também em oposição à hierarquia dos sentidos, Maurice Merleau-Ponty (1964) traz uma perspectiva muito mais lúcida para esta discussão, quando argumenta que a percepção de algo não é uma soma de suas características visuais, táteis ou auditivas, mas sim a interpretação desses aspectos como um todo - "ela fala a todos os meus sentidos de uma vez". Assim, o autor considera que todos os sentidos sejam importantes para a percepção corporificada de um lugar, de forma que, quando o projeto arquitetônico se refere a eles enquanto um conjunto, o espaço adquire sentido, oferecendo uma atmosfera mais rica e confortável para o habitante.

Para melhor ilustrar este argumento, o *ger* mongol descrito no livro *Dwellings, The Vernacular House World Wide*, de Paul Oliver (2003), é um exemplo de como a cultura, os sentidos e os padrões de comportamento ancestrais desempenham um papel na forma física da casa. Essa tipologia mostra sensibilidade

para satisfazer as necessidades sociais do homem e também nutre seu espírito.

At the centre of the Mongolian *ger* is the fire, regarded by many Mongols as a protective deity who must not be disturbed. The 'square of the hearth' within the circle of the *ger* follows Buddhist symbolism, the square and the circle being representative of male and female; the five eastern elements of Earth, Wood, Metal, Water and Fire, are symbolized respectively by the earth floor, the wooden hearth frame, the iron tripod and the kettle of water over the fire in the hearth. Above, the roof of the dwelling symbolizes the sky, the open smoke hole being seen as the 'Eye of Heaven'.<sup>27</sup>

A incorporação da religião e valores culturais, o apoio aos costumes e tradições e a valorização dos símbolos são todos aspectos comuns da arquitetura vernacular. A habitação é concebida para se adequar aos hábitos de um povo e cada elemento é significativo - a iluminação, as texturas, os aromas e as cores estão em equilíbrio, contribuindo para a construção da atmosfera do lar.



Fonte: Dwellings, The Vernacular House World Wide, p.172 (Oliver 2003)<sup>28</sup>

Neste exemplo, o projeto arquitetônico abarca o ser em toda a sua existência, tanto sua memória corporificada quanto seus padrões comportamentais,

<sup>27</sup> OLIVER, Paul. Dwellings, The Vernacular House World Wide. Nova York: Phaidon Press, 2003.

<sup>28</sup> OLIVER, Paul, 2003. O interior de um ger mostrando a mulher, mãe da família e construtora da habitação, orgulhosa e possuindo espiritualmente o espaço de sua casa. In: OLIVER, Paul, Dwellings, The Vernacular House World Wide: Phaidon Press, p.172. ISBN 0714847933

não servindo apenas como invólucro material para a sauna, mas, ainda mais importante, permitindo ao usuário refletir e expressar-se nele.

Arquitetura deve ser pensada para reforçar nossos sentidos, envolvendo o morador em uma experiência multissensorial que lhe permite ser não apenas um espectador, ser parte dela. O raciocínio antropológico é indispensável para proporcionar ao morador uma casa digna, onde a história, a cultura e os hábitos também importam.

Ao definir a tarefa da Arquitetura, Juhani Pallasmaa escreve que, para concretizar nosso ser no mundo, a mesma deve criar metáforas corporificadas e existenciais.

In memorable experiences of architecture, space, matter and time fuse into one singular dimension, into the basic substance of being, that penetrates our consciousness. We identify ourselves with this space, this place, this moment, and these dimensions become ingredients of our very existence. Architecture is the art of reconciliation between ourselves and the world, and this mediation takes place through the senses.<sup>29</sup>

O arquiteto deve, portanto, refinar seu pensamento sensorial para entender a maneira multidimensional através da qual as pessoas vivem e interagem com o espaço. É principalmente através de nossas ações mais comuns que expressamos nosso verdadeiro eu existencial. Então, se é assim que estamos constantemente - e inconscientemente - vivendo, pensar através desses parâmetros é a única maneira que temos, como arquitetos, de permitir ao morador a materialização da sua concepção de lar na Arquitetura.

É desse modo que os conceitos de hábito e sentidos se encontram na discussão arquitetônica. A concepção de lar é um espelho do background cultural e histórico de um indivíduo, portanto, o reflexo de seus hábitos. Da mesma forma, o modo como alguém percebe sensorialmente o habitat (memória corporificada) também irá definir a sua percepção de lar. Assim, acredita-se que a Arquitetura da

---

<sup>29</sup> PALLASMAA, Juhani. *The Eyes of the Skin*. Chichester: John Wiley & Sons, 2008.

habitação não deva se envolver completamente com seu habitante sem se corresponder aos seus sentidos e hábitos.

Partindo deste raciocínio, o próximo passo do trabalho é realizar uma pesquisa histórica dos últimos dois séculos na cidade de Rotterdam, pesquisando sobre o contexto histórico e social do local eleito para o estudo aqui em desenvolvimento. Será feita ainda uma análise cronológica das tipologias de habitação que contribuirá para o aprofundamento da investigação de hábitos e comportamentos. Muito pode ser descoberto sobre os padrões de moradia através de um estudo morfológico do desenvolvimento da tipologia habitacional de uma determinada localidade.

## 2. A VIDA NOS PAÍSES BAIXOS, ROTTERDAM

## INTRODUÇÃO

Nesta etapa da pesquisa, para compreender a transformação dos padrões de vida na arquitetura ao longo do tempo, apresentamos uma investigação da tipologia de habitação. A intenção deste método é compreender e identificar os traços do comportamento social e cultural no projeto de habitações através da história.

Fotografia, filmes e desenhos arquitetônicos indicam muito de como a vida em um determinado momento e lugar é. A arquitetura é o produto de seu povo e, portanto, uma manifestação de sua cultura. Portanto, através de uma análise cronológica das tipologias de habitação, pode-se ver como a arquitetura responde aos padrões de vida da sociedade, especialmente considerando-se que a casa é um habitat criado pela inscrição de hábitos.

Escolher um objeto de estudo externo à cidade em que moro e estudo, e ainda fora do Brasil, aguça os sentidos para uma maior consciência de como os hábitos influenciam a arquitetura assim como essa se relaciona com os hábitos. Quando em um país estrangeiro e em uma língua estrangeira, cada detalhe é precioso e a percepção dessas peculiaridades ajuda a compreender melhor a sociedade e seus hábitos. Como referenciado anteriormente, a cidade de escolha para este estudo é Rotterdam, nos Países Baixos.

## 2.1. Panorama histórico

Rotterdam é a segunda maior cidade do país, tem uma população muito variada e é uma das cidades mais economicamente importantes da Europa, devido às suas atividades portuárias. Ao longo de sua história, Rotterdam esteve sob o domínio da França, Espanha e Alemanha, o que influenciou na configuração física e características sociais da cidade, especialmente após o *Rotterdam Blitz*, durante a Segunda Guerra Mundial, quando as forças alemãs bombardearam e destruíram quase toda a cidade, forçando a reconstrução completa de sua arquitetura resgatando o desenho tradicional de sua paisagem.<sup>30</sup>



Fonte: Globonaut, 2010<sup>31</sup>

Para um adequado entendimento do desenvolvimento dos padrões de vida na sociedade holandesa, referenciado a partir de Rotterdam, eventos importantes na história - os chamados *Sternstunden* - ajudarão a definir períodos a partir da linha de tempo para o estudo. O termo *Sternstunde* é introduzido pelo escritor austríaco

<sup>30</sup> THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Rotterdam [online]. [Acesso em: 06 junho 2017]. Disponível em: [www.britannica.com/place/Rotterdam-Netherlands](http://www.britannica.com/place/Rotterdam-Netherlands)

<sup>31</sup> ROSELINDE, 2017. Imagem contemporânea de Rotterdam, mostrando o St. Laurenskerk (Igreja de São Lourenço). Globonaut. Acesso em 07 junho 2017. Disponível em: <http://globonaut.eu/2017/02/16/what-rotterdam-looked-like-before-world-war-ii/>

Stefan Zweig (1983) em seu livro *Sternstunden der Menschheit* como um marco ou um ponto na história que define o posterior desenvolvimento da sociedade.

Seis *Sternstunden* já foram definidos pelos arquitetos holandeses Andries van Wijngaarden e Frans Hooykaas, em seu livro *Rotterdam Woont*, no qual criam um atlas de arquitetura habitacional em Rotterdam, de 1840 até o presente, com uma lista de mais de 150 projetos de habitação.

Os seis eventos que determinaram a linha do tempo no livro e que também serão usados neste trabalho como guia para a análise das tipologias habitacionais em Rotterdam são:

1840s | Epidemia de Cólera - Water Project por W. N. Rose.

1900s | Superpopulação da região central - Primeira lei nacional de habitação.

1940s | *Rotterdam Blitz* - cidade destruída na Segunda Guerra Mundial.

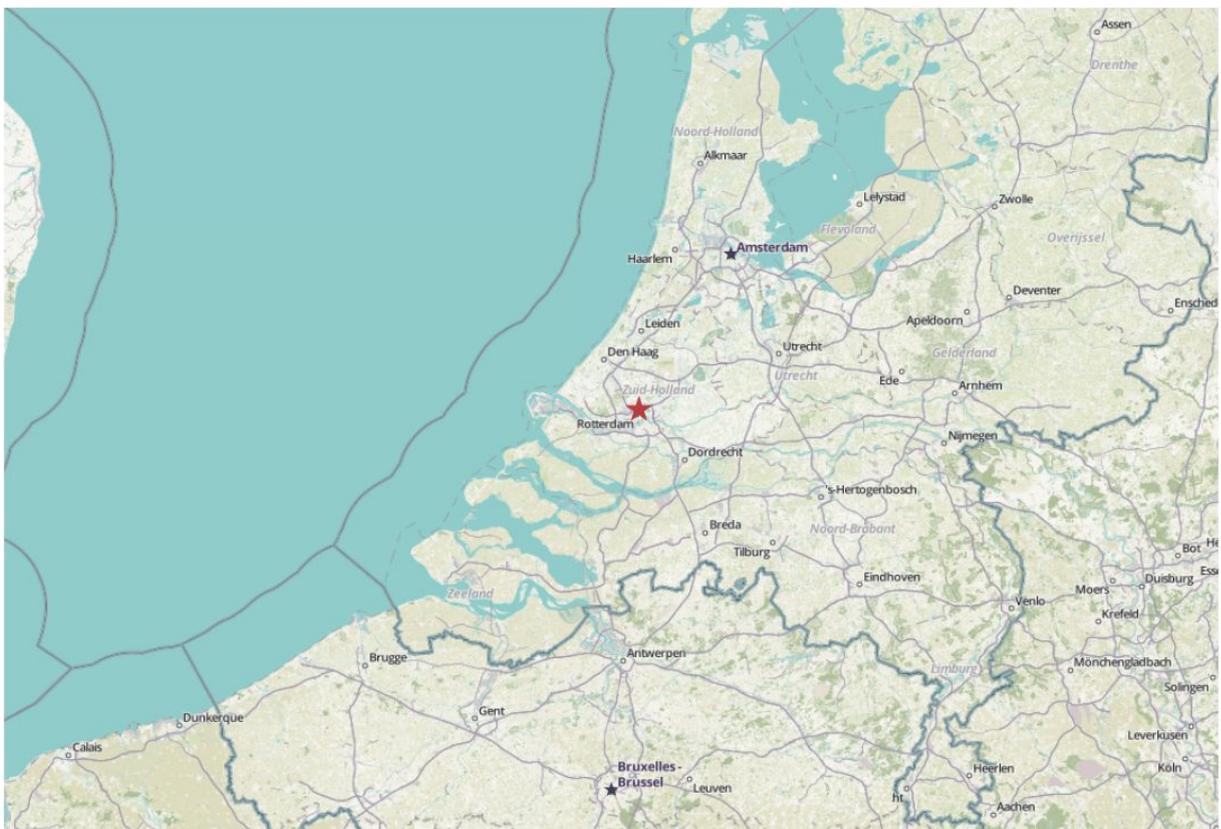
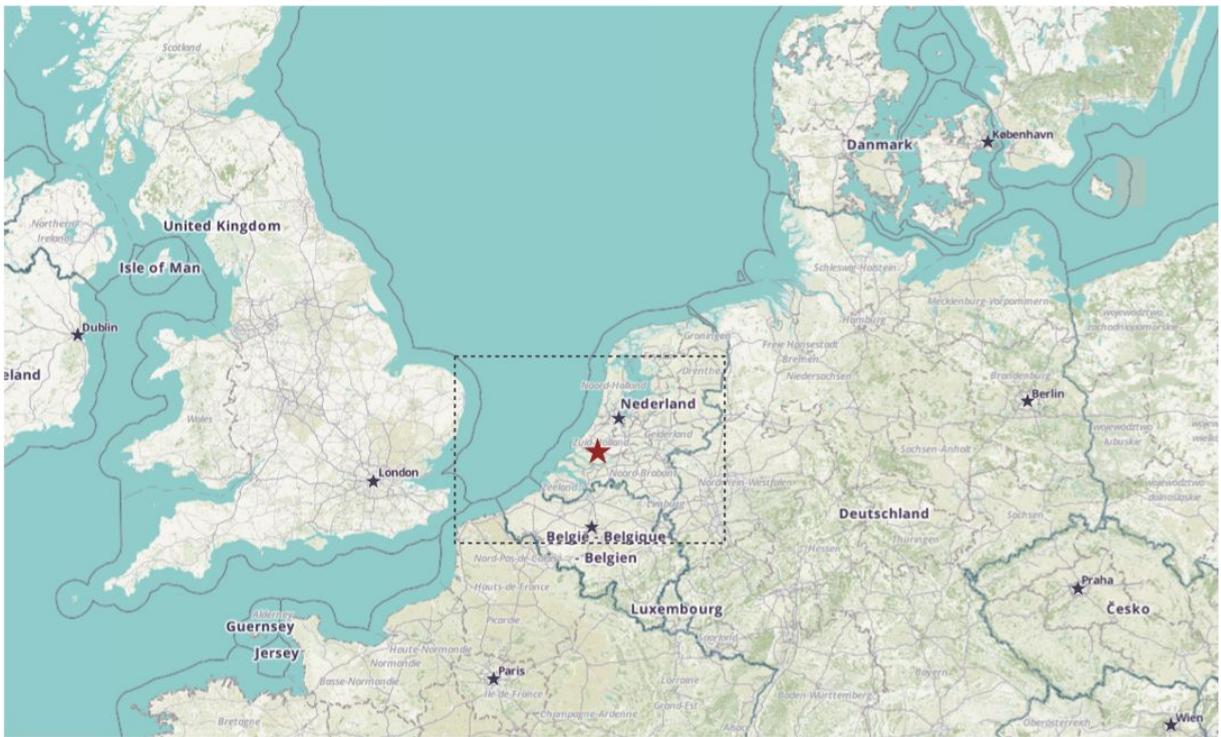
1970s | Manifestação C70 - renovação da área datada do século XIX.

1990s | Déficit habitacional - horizontalização nos subúrbios e verticalização no centro da cidade.

2010s | Uso em massa de smartphones - sociedade na era da Internet/redes sociais.

Como se pode observar no item “desenvolvimento urbano”, os mapas criados para o *Rotterdam Woont* mostram o desenvolvimento da cidade, evidenciando o crescimento da população, o desenvolvimento do porto e a expansão urbana da cidade para cada um desses períodos de tempo.

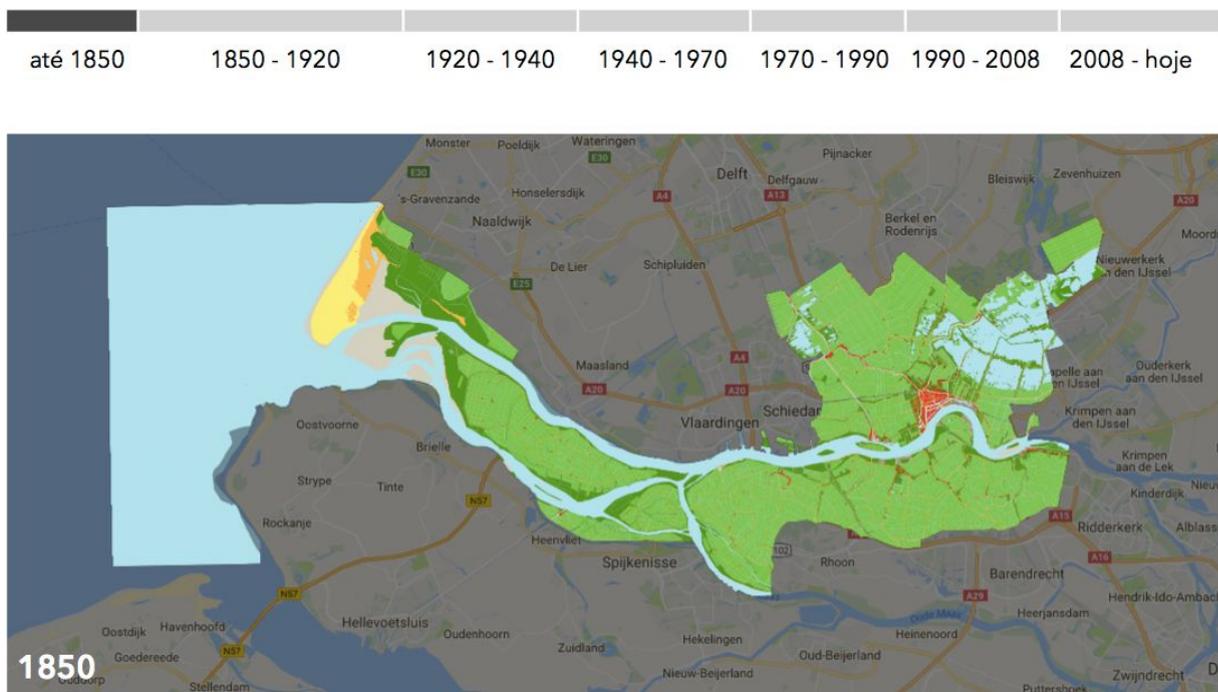
Juntamente com esses mapas, fatos e números importantes serão indicados para contribuir com a construção de um contexto histórico, o que ajudará na análise das respectivas unidades de habitação de cada período.



Fonte: OpenStreetMap, 2017<sup>32</sup>

<sup>32</sup> OPENSTREETMAP, 2017. Mapas de Rotterdam adaptados da plataforma OpenStreetMap. Acesso em: 26 junho 2017. Disponível em: <https://www.openstreetmap.org/>

## DESENVOLVIMENTO URBANO



Fonte: MAPPING HISTORY, 2016. Maps de Rotterdam, 2008. Rotterdam Wont. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://rotterdamwont.nl>

Rotterdam estabeleceu-se como uma aldeia em torno de 1270, quando o Conde Floris V ordenou aos senhores da região que ligassem seus diques individuais para evitar inundações. A construção de um aterro único, que separou o Rio Rotte do Rio Maas, foi o que mais tarde deu nome à cidade - uma barragem no Rio Rotte (ao sul da porção urbanizada em vermelho, mapa acima).

Em 1340, Rotterdam ganhou seu status de cidade pelo decreto do Conde Willem IV. Foi também permitido cavar um canal para o rio Schie, o que fez da cidade o principal porto da província e marcou o início de sua relevância como cidade portuária. Em 1358, as muralhas da cidade foram construídas.



Fonte: Stadsarchief Rotterdam, 1380-1420 (estimado)<sup>33</sup>

Em 1572, Rotterdam se envolveu na Guerra dos Oitenta Anos entre os Países Baixos e a Espanha, estando sob controle das forças espanholas. Este foi, no entanto, o início de um novo período de crescimento econômico para a cidade, já que os portos de Delft, Antuérpia e Amsterdã tiveram que reduzir suas atividades naquele momento (LOURENS e LUCASSEN, 2005).

No século XVII, quando a descoberta da rota marítima para as Índias deu um enorme impulso ao comércio e ao transporte holandês, Rotterdam expandiu seus ancoradouros e acomodações ao longo do Rio Maas.

---

<sup>33</sup> NICOLAAS, Wilhelmus, 1380-1420 (estimado). Mapa histórico de Rotterdam. Stadsarchief Rotterdam. Acesso em 24 junho 2017. Disponível em: <http://collecties.stadsarchief.rotterdam.nl/publiek/detail.aspx?mode=eenvoudig&view=lijst&global=&volgnummer=2&xmldescid=1042175&dossierid=&positie=1>



Fonte: Library of Congress, 1890-1900 (estimado)<sup>34</sup>

No século XVIII, o centro da cidade foi ocupado por casas, indústrias e armazéns. A habitação foi confinada dentro das muralhas da cidade, o que levou a densidade populacional ao extremo. Fora dos muros, os moradores abastados de Rotterdam construíram suas mansões, ao redor das aldeias da região. As indústrias inadequadas para o interior da cidade também foram deslocadas para fora das muralhas (GRAAF, 1992). Todo o progresso teve uma decadência com a ocupação francesa em 1795, que iniciou um período de recessão.

Após a queda de Napoleão, em 1815, houve a partida dos franceses e Rotterdam começou a crescer rapidamente. Diante da necessidade de expansão em larga escala da área residencial e portuária, a cidade nomeou o engenheiro Willem Nicolaas Rose como arquiteto urbanista de Rotterdam, em 1839. Desde então, Rose

---

<sup>34</sup> AUTOR DESCONHECIDO, 1890-1900 (estimado). Porto de Leuwe, em Rotterdam, demonstrando a importância da atividade portuária da cidade. Library of Congress. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/2001699532/>

teve uma grande influência no desenvolvimento da cidade.<sup>35</sup>

Em 1842, Rose elaborou um plano para pôr fim às epidemias recorrentes de cólera em Rotterdam, que ocorriam devido à sua superpopulação e condições higiênicas insuficientes. Seu ambicioso Water Project propôs a separação entre os rios Schie e Rat e as águas da cidade, novos poços de água potável e a construção de canais, que seriam regularmente lavados com água fresca. Apenas duas décadas depois, a construção dos canais começou (HOEVEN, 1998).

---

<sup>35</sup> RTV Rijnmond Extra, 2011. Rotterdammers van formaat, aflevering 6: Willem Nicolaas Rose [online]. [Acesso em: 21 junho 2017]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sb6cbsokxTc&index=6&list=PL76662F35E9AB80E6&spfreload=10>

SITUATIE-KAART DER STAD ROTTERDAM



Fonte: Wikimedia, 1854 <sup>36</sup>

<sup>36</sup> NICOLAAS, Willem, 1854. Water Project por W. N. Rose - em laranja os canais criados. Wikimedia. Acesso em: 24 junho 2017. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Waterproject\\_1854.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Waterproject_1854.jpg)



Fonte: MAPPING HISTORY, 2016. Maps de Rotterdam, 2008. Rotterdam Wont. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://rotterdamwont.nl>

No momento em que os franceses deixaram o país, a industrialização tomou conta da área alemã ao redor do Rio Reno e, devido à sua localização, Rotterdam beneficiou-se do comércio entre esta área e os mercados britânicos e americanos. Rotterdam começou a desenvolver as áreas externas às muralhas da cidade pela primeira vez, para lidar com o crescimento da população (GRAAF, 1992).

Também de grande importância para o desenvolvimento de Rotterdam como cidade portuária foi a construção do canal Nieuwe Waterweg, entre 1866 e 1872, que conectou a cidade com o Mar do Norte, permitindo a passagem dos navios marítimos a vapor de maior porte. Em 1877, a cidade estava ligada ao sul dos Países Baixos por uma ferrovia que atravessava o Rio Maas.

Neste ponto, a cidade já tinha cerca de 150.000 habitantes, em comparação com os 90.000 de 1850. Mais tarde, em 1886, a cidade de Delfshaven foi incorporada a Rotterdam, seguida de Kralingen e Katendrecht, em 1895. Estes novos distritos correspondem respectivamente às regiões oeste, leste e sul no mapa acima (mapa 45).

Em 1898, a *Witte Huis* (Casa Branca) foi construída como símbolo da prosperidade de Rotterdam. Quando finalizado, tornou-se o prédio de escritórios

mais alto da Europa, com 45 metros de altura. Foi construído no centro de Rotterdam (porção urbanizada, mapa 41) em estilo Art Nouveau e hoje é um dos poucos edifícios que sobreviveram ao bombardeio da cidade durante a Segunda Guerra Mundial, além de ser considerado patrimônio nacional.



Fonte: Library of Congress, 1890-1900 (estimado) <sup>37</sup>

<sup>37</sup> AUTOR DESCONHECIDO, 1890-1900 (estimado). Witte Huis no centro de Rotterdam, por volta de 1900. Library of Congress. Acesso em: 08 junho 2017. Disponível em: <http://www.loc.gov/pictures/item/2001699526/>

Em 1901, foi aprovado o *Dutch Housing Act*.<sup>38</sup> Sua intenção era não apenas supervisionar as futuras construções, mas também regularizar o que já havia sido construído. O Ato tentou lidar com vários problemas de habitação, como superlotação, favelas e segurança pública.

Os Comitês de Saúde foram encarregados de fazer consultas sobre a condição das habitações - se superlotadas, adequadas para habitação humana ou não, se necessitadas de melhorias - e de notificar as autoridades locais. Quando impróprias para habitação, era emitida uma ordem de proibição do uso do edifício.

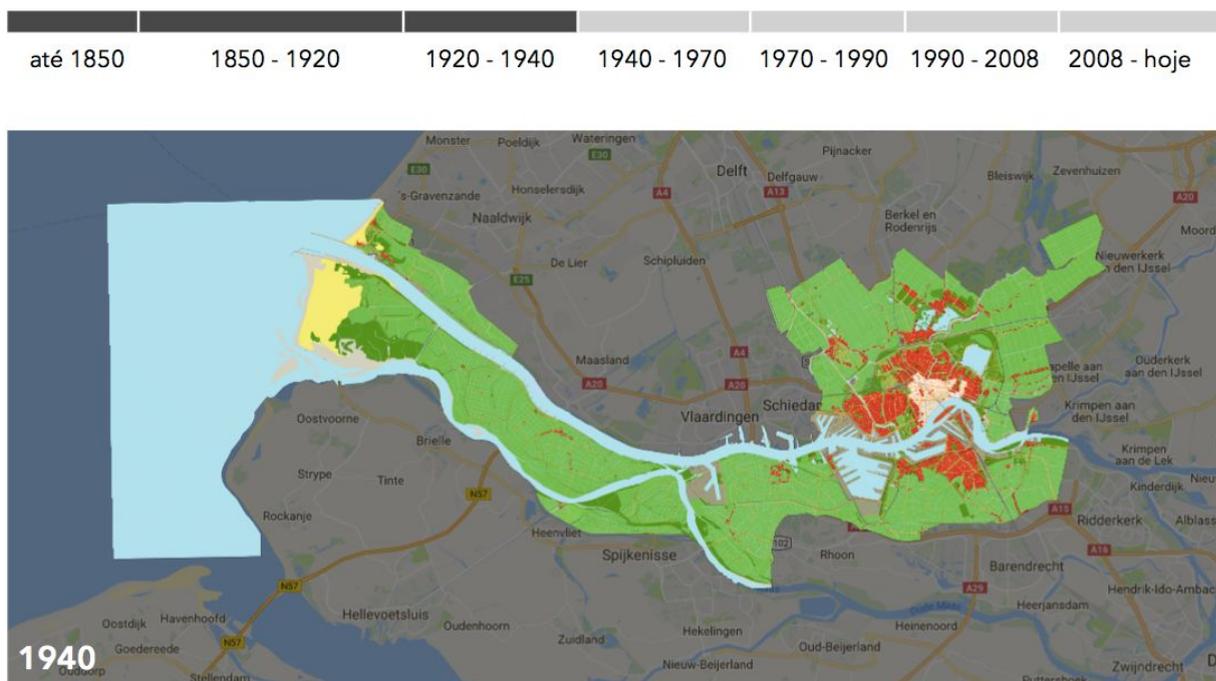
Parte do Ato trata da aquisição compulsória de terrenos por municípios e sociedades de utilidade pública voltadas para habitação. Primeiramente, com a finalidade de remoção de favelas e, em segundo lugar, para a realização de um projeto de habitação ou um plano de extensão.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os Países Baixos conseguiu permanecer neutra, o que trouxe, entre refugiados belgas e desertores alemães, mais de vinte e cinco mil pessoas para Rotterdam. Por sua vez, a guerra significou uma recessão econômica para a cidade, seguida da Grande Depressão, de 1929.

Também durante esse período, precisamente em 1917, foi fundado em Leiden o movimento chamado *De Stijl*. Também conhecido como neoplasticismo, esse movimento consistiu em pintores, arquitetos e designers que influenciaram o Movimento Moderno nos Países Baixos (BULHOF, 1976).

---

<sup>38</sup> NEDERLANDSCH INSTITUUT VOOR VOLKSHUISVESTING. *Dutch Housing Legislation*. Amsterdam: Drukkerij en Uitgeverij J. H. de BUSSY, 1961.



Fonte: MAPPING HISTORY, 2016. Maps de Rotterdam, 2008. Rotterdam Wont. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://rotterdamwont.nl>

Devido à imigração durante a Primeira Guerra Mundial e ao crescimento natural da cidade, Rotterdam chegou a ter mais de 500.000 habitantes, em 1925.

Em 1930, a cidade terminou a construção do *Waalhaven* (Porto de Waal) ao sul do rio Maas (mapa 50) que se tornou o maior porto dragado do mundo. Próximo ao porto, estava também o Waalhaven Airport (1920), que foi destruído mais tarde na Segunda Guerra Mundial.

Devido aos efeitos da crise de 1929, muitos habitantes ficaram desabrigados, já que os aluguéis eram muito caros. O premiado autor de Rotterdam, Herman Romer, escreveu que muitos desempregados ficaram no chamado Crisisstrand (Crisis Beach), no Waalhaven, durante todo o verão durante esse período. Lá, viveram em cabanas feitas com pedaços de madeira, construídas por eles mesmos, com vista para os navios impostos pela crise (ROMER, 2008).

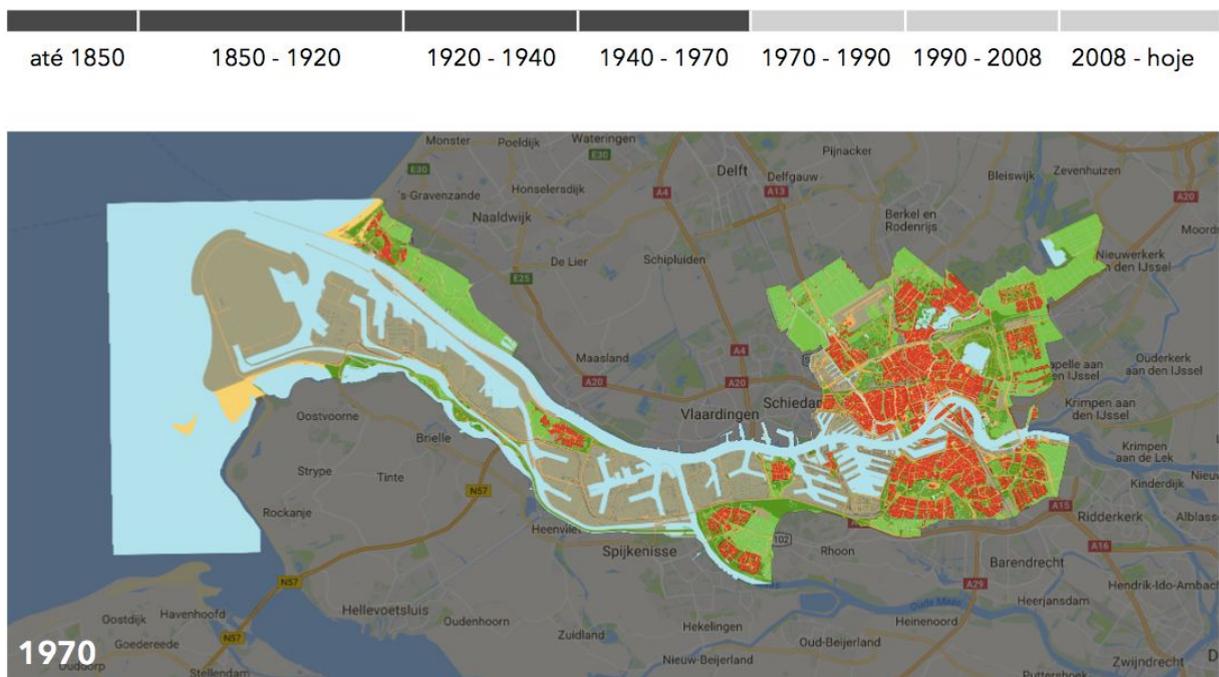


Fonte: SERC, 1930-1940 (estimado)<sup>39</sup>

Em 1934, as aldeias Hoogvliet e Pernis tornam-se parte da cidade.

---

<sup>39</sup> AUTOR DESCONHECIDO, 1930-1940 (estimado). A então chamada *Crisisstrand* (Praia da crise) no Waalhaven, durante a crise econômica da década de 1930. SERC. Acesso em: 08 junho 2017. Disponível em: <http://fotos.serc.nl/zuid-holland/rotterdam/rotterdam-63950/>



Fonte: MAPPING HISTORY, 2016. Maps de Rotterdam, 2008. Rotterdam Wont. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://rotterdamwont.nl>

Com o início da Segunda Guerra Mundial, as forças alemãs invadiram os Países Baixos, em 14 de maio de 1940. As forças holandesas inundaram a margem norte do rio Nieuwe Maas, que atravessa a cidade, impedindo os alemães de atravessá-la. Quatro dias depois, como advertência e para evitar novas resistências, bombardearam Rotterdam, destruindo quase todo o centro da cidade e mais de um terço de todas as instalações portuárias, afirmando que, se não se rendessem, Amsterdã seria o próximo alvo. Este episódio foi posteriormente denominado *Rotterdam Blitz*.

Entre os poucos edifícios públicos que sobreviveram à destruição estão a prefeitura, de 1918, a sede dos correios, de 1923, e a bolsa de valores. A *Grote Kerk* (Great Church) ou *St. Laurenskerk* (Igreja de São Lourenço), do século XV, foi queimada, mas depois restaurada.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Rotterdam [online]. [Acesso em: 06 junho 2017]. Disponível em: [www.britannica.com/place/Rotterdam-Netherlands](http://www.britannica.com/place/Rotterdam-Netherlands)



Rotterdam Grootemarkt<sup>41</sup>  
Fonte: Rotterdam Markt, data desconhecida.



Fonte: Oud Rotterdam, 1940<sup>42</sup>

Desde a década de 1940 até a década de 1970, o porto se expandiu em

---

<sup>41</sup> AUTOR DESCONHECIDO. *Grootemarkt* (Mercado Principal) antes do Rotterdam Blitz, em maio de 1940. Rotterdam Markt. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://www.rotterdamkaart.nl/albums/grootemarkt/>

<sup>42</sup> AUTOR DESCONHECIDO, 1940. Centro da cidade de Rotterdam após o *Rotterdam Blitz*, em maio de 1940. O *St. Laurenskerk* arruinado (Igreja de São Lourenço) é um dos poucos remanescentes do período anterior à guerra e foi restaurado. Oud Rotterdam. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://oud.rotterdam010.nl/508-Oorlog/08-bomb.htm>

direção oeste ao mar, onde, mais perto do litoral, estavam sendo escavados portos maiores e mais profundos. Em 1941, as cidades de Hillegersberg, IJsselmonde, Overschie e Schiebroek tornam-se parte de Rotterdam, o que implica uma grande expansão da sua área urbana.



Fonte: Port of Rotterdam, 2015 <sup>43</sup>

Já no mesmo ano, Witteveen, engenheiro e diretor da *City Works*, projetou um plano de reconstrução que, adaptado por seu assistente e arquiteto Cornelis van Traa, foi imediatamente adotado após a guerra, em 1946.<sup>44</sup>

<sup>43</sup> PORT OF ROTTERDAM, 2015. Desenvolvimento do Porto de Rotterdam. Port of Rotterdam. Acesso em: 24 junho 2017. Disponível em: <https://www.portofrotterdam.com/en/asia/why-rotterdam>

<sup>44</sup> STADSARCHIEF ROTTERDAM, 2017. Willem Gerrit Witteveen (1891-1979) [online]. [Acesso em: 24 junho 2017]. Disponível em: <http://www.stadsarchief.rotterdam.nl/willem-gerrit-witteveen-1891-1979>



Fonte: Stadsarchief Rotterdam, 1946<sup>45</sup>

A proeminência dos arquitetos modernistas e funcionalistas dos anos 1950 aos anos 1970 foi de grande influência na mudança da paisagem da cidade. Um aspecto importante do Plano Básico de Van Traa foi a separação da cidade em setores de vida, trabalho e recreação. No centro, a capacidade de habitação foi reduzida em 50%, uma vez que se destinava principalmente ao trabalho, às compras e ao entretenimento. Novas residências foram construídas nos arredores, enquanto empresas e fábricas foram transferidas para propriedades industriais também fora do centro.

In the Basic Plan the idea of the old city triangle was abandoned more fully. The street pattern was transformed into a more regular grid of major traffic arteries. [...] Coolsingel was widened from 44 to 80 metres to make it a veritable central boulevard. An important intervention was the realignment of Coolsingel in the

---

<sup>45</sup> TRAA, Cornelis van, 1946. Plano Básico de Cornelis van Traa's para a renovação urbana de Rotterdam. Stadsarchief Rotterdam. Acesso em: 24 junho 2017. Disponível em: <http://collecties.stadsarchief.rotterdam.nl/publiek/detail.aspx?mode=eenvoudig&view=lijst&globaal=&volgnummer=4&xmldescid=213503&dossierid=&positie=7>

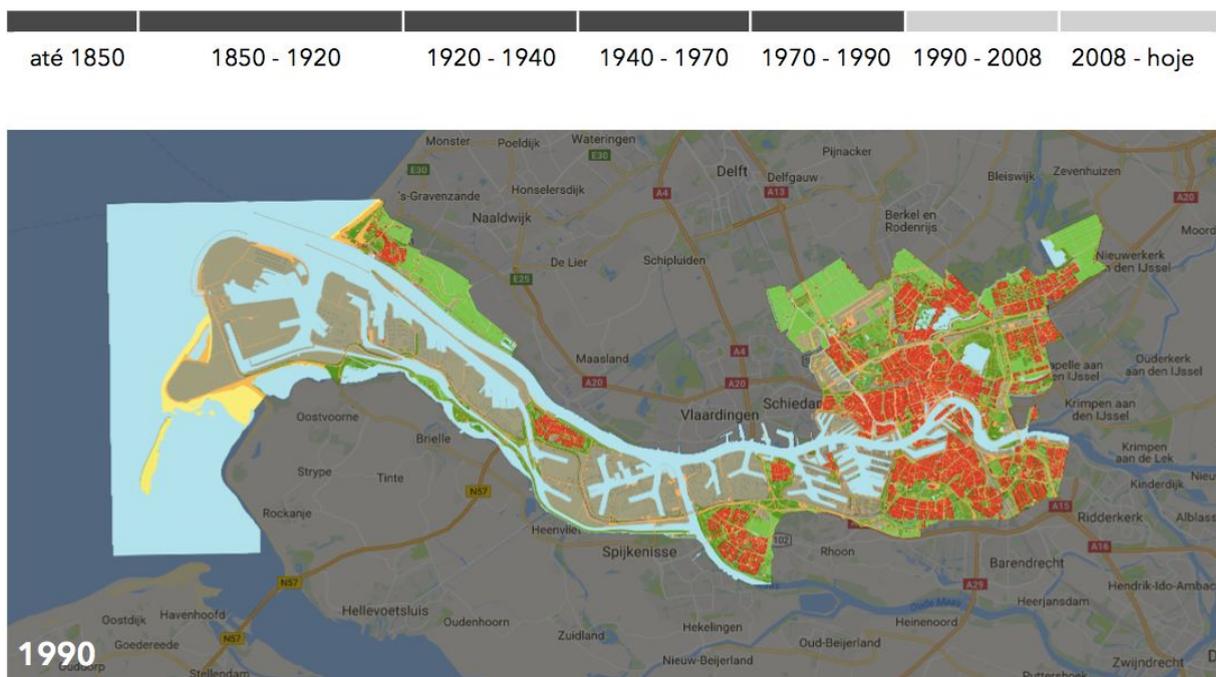
direction of Schiedamsedijk. [...] The centre was extended towards the west, creating space for the Lijnbaan shopping precinct. The Basic Plan was so flexible that the street pattern evolved from city centre courtyards into the revolutionary, pedestrian Lijnbaan shopping development. There was also a marked preference for multi-tenant buildings. The Basic Plan, by contrast, offered more space for modern, functional architecture. Architecture was liberated from the straitjacket of urban design guidelines.<sup>46</sup>



Fonte: Inexhibit, 1955-1959 <sup>47</sup>

<sup>46</sup> GROENENDIJK, Paul 2017. The Basic Plan by Van Traa [online]. [Acesso em: 24 Jun. 2017]. Disponível em: <http://www.wederopbouwrotterdam.nl/en/tijdlijn/basic-plan-van-traa/>

<sup>47</sup> ZOETMULDER, Steef, 1955-1959. Vitrine na Lijnbaan. Inexhibit. Acesso em: 24 junho 2017. Disponível em: <https://www.inexhibit.com/case-studies/netherlands-14th-architecture-biennale/>



Fonte: MAPPING HISTORY, 2016. Maps de Rotterdam, 2008. Rotterdam Wont. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://rotterdamwoont.nl>

O rápido crescimento econômico no final da década de 1960 exigiu uma força de trabalho barata, o que incentivou a chegada de uma quantidade considerável de imigrantes, especialmente dos países mediterrânicos. Em 1975, um grande número de pessoas da antiga colônia holandesa do Suriname também veio à procura de trabalho (JUZWIAK, 2014).

Dos anos 1960 até a década de 1970, com o plano de reconstrução da cidade, emergiu uma nova Rotterdam. Infelizmente, a estrita separação de funções e a abordagem moderna da renovação urbana resultaram em uma cidade fria e inóspita - a insatisfação dos *Rotterdamers* foi evidente (WENTHOLT, 2012).

Em 1970, durante a *Communicatie 70*, ou *C70 manifestation*, a população teve a oportunidade de expressar sua insatisfação. Moradores dos antigos distritos do século XIX se opuseram resolutamente à demolição de seus bairros e insistiram em uma renovação urbana, em vez de realocações e destruição. A ênfase deveria ser colocada na pequena escala e no conforto, dando-se prioridade à dimensão humana (BÖRGER, LIUKKU e LAAR, 2016).

Em resposta a isso, novos projetos de habitação de pequena escala e renovações deram início nos antigos bairros centrais. Pretendiam melhorar a

qualidade das casas que, devido ao rápido crescimento da cidade no final do século XIX, haviam sido mal construídas. Sob o lema "construir para a vizinhança", o valor dos bairros existentes foi reconhecido e a renovação das habitações já existentes no distrito foi implantada. Isso significava a manutenção das tipologias existentes, a preferência pelas renovações, aluguéis mais acessíveis e habitação social.<sup>48</sup>



Fonte: Vers Beton, 2016 <sup>49</sup>

Também em meados da década de 1970, as antigas áreas do século XIX estavam sendo reconstruídas, enquanto uma migração em massa aconteceu do centro da cidade para os subúrbios. Henk Engel escreve sobre o distrito de

---

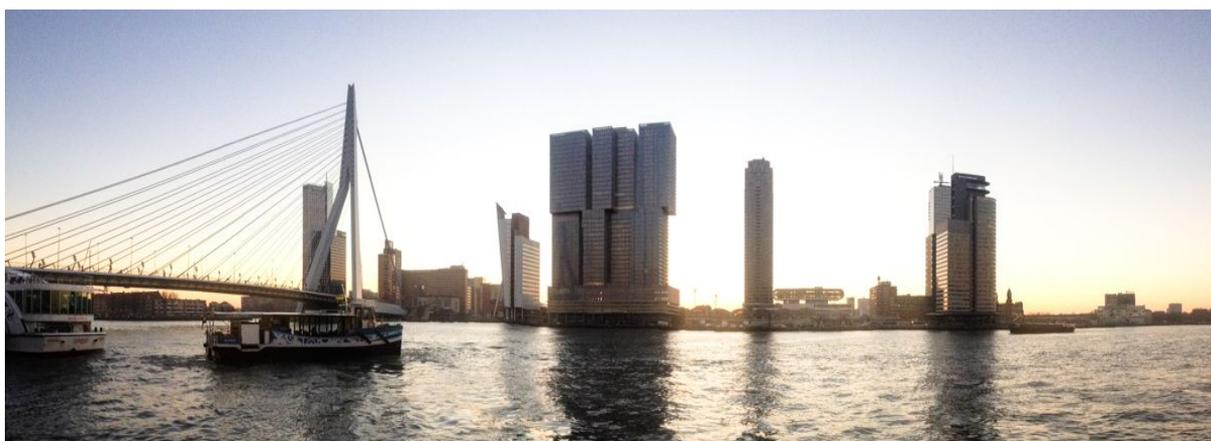
<sup>48</sup> GEMEENTE ROTTERDAM, 2017. Urban Renewal [online]. [Acesso em: 25 junho 2017]. Disponível em: <https://www.rotterdam.nl/wonen-leven/stadsvernieuwing/>

<sup>49</sup> SENDER, Rachel, 2016. Ilustração de Rachel Sender, representando a defesa das pessoas pela preservação dos bairros do século XIX. Vers Beton. Acesso em: 25 junho 2017. Disponível em: <https://versbeton.nl/2016/01/rotterdam-the-neverending-story/>

Feijenoord e como foi reconstruído após a realização do canal *Nieuwe Waterweg*.

Port activities have moved further and further away towards the west of the city. Feijenoord was the first district to feel the effects of this. The district started to decline after World War II. Typical for the urban renewal here after the mid-1970s was the simultaneous renovation of the existing housing stock and new housing in the abandoned industrial areas.<sup>50</sup>

Um exemplo de renovação urbana em Rotterdam é o distrito de Kop Van Zuid na margem sul do rio Maas (mapa 56). Após o porto de Rotterdam ser movido mais para oeste no Mar do Norte, a importância da parcela mais central da cidade como um espaço vivo mudou. Esta antiga área portuária deteriorou-se no pós-guerra, tornando-se uma zona socialmente problemática. Na década de 1980, passou finalmente por um processo de renovação urbana, sendo também conectado ao centro da cidade pela *Erasmusbrug* (Ponte Erasmus).



Fonte: Friszbee, 2013<sup>51</sup>

<sup>50</sup> CAVALLO, Roberto; KOMOSSA, Susanne; MARZOT, Nicola (Hg.). *New Urban Configurations*. Delft: Delft University Press, 2014.

<sup>51</sup> AUTOR DESCONHECIDO, 2013. Skyline do Kop Van Zuid renovado, visto do centro da cidade de Rotterdam, na outra margem do Maas. Friszbee. Acesso em: 10 junho 2017. Disponível em: <https://friszbee.wordpress.com/2013/12/10/rotterdam-een-volvwassen-wereldstad/naamloos-8650/>



Fonte: MAPPING HISTORY, 2016. Maps de Rotterdam, 2008. Rotterdam Wont. Acesso em: 07 junho 2017. Disponível em: <http://rotterdamwont.nl>

Na década de 1990, a cidade continuou em um processo de crescimento, adensando ainda mais o centro da cidade com edifícios de alto gabarito, assim como os do exemplo do distrito Kop Van Zuid, e expandindo para os subúrbios com projetos de habitação de baixo gabarito, como ocorreu de forma evidente no nordeste da cidade (mapa 1990). Este processo de suburbanização fez com que a população municipal de Rotterdam diminuísse em quase 200.000, de 1965 a 1984 (LOURENS e LUCASSEN, 1997).

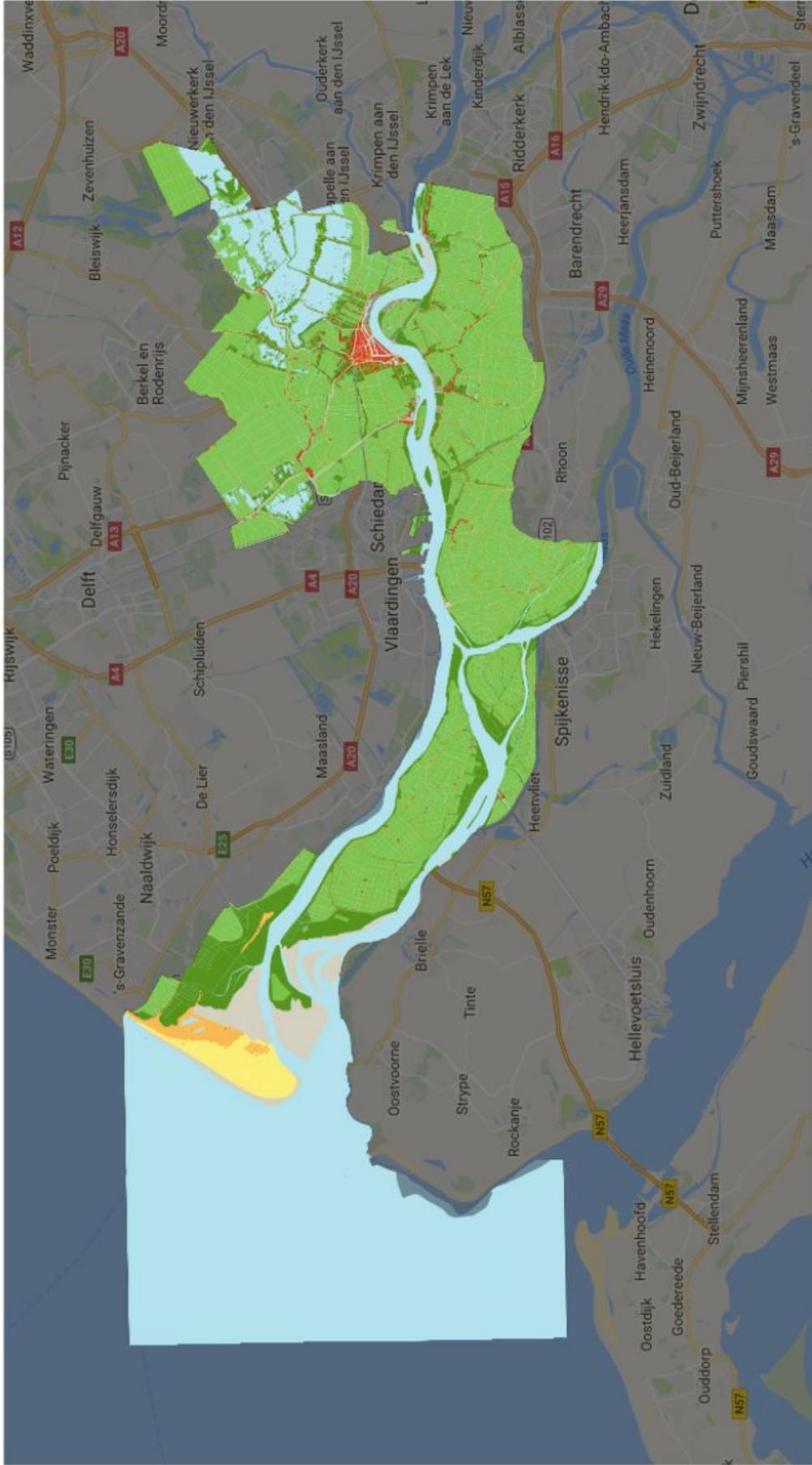
Por outro lado, o progresso da cidade levou a mais imigração. Apesar de alguns problemas devido à falta de integração entre as diferentes comunidades, esse desenvolvimento trouxe diversidade à cultura, culinária e religião em Rotterdam, cuja população atualmente é composta por 47,7% de holandeses não nativos (OPEN SOCIETY FOUNDATIONS, 2010). Este aspecto cosmopolita concedeu à cidade o título de Capital Europeia da Cultura, em 2001.

Nos últimos 20 anos, os Países Baixos também receberam um grande número de refugiados e pessoas à procura de asilo, em particular do Afeganistão, do Iraque, do Irã e da Somália, além dos grupos de imigrantes da Europa Oriental (JUZWIAK 2014). A nomeação do primeiro prefeito muçulmano de uma grande cidade europeia, Ahmed Aboutaleb, em 2009, também mostra o desejo dos habitantes de

Rotterdam de promover a diversidade e a tolerância.

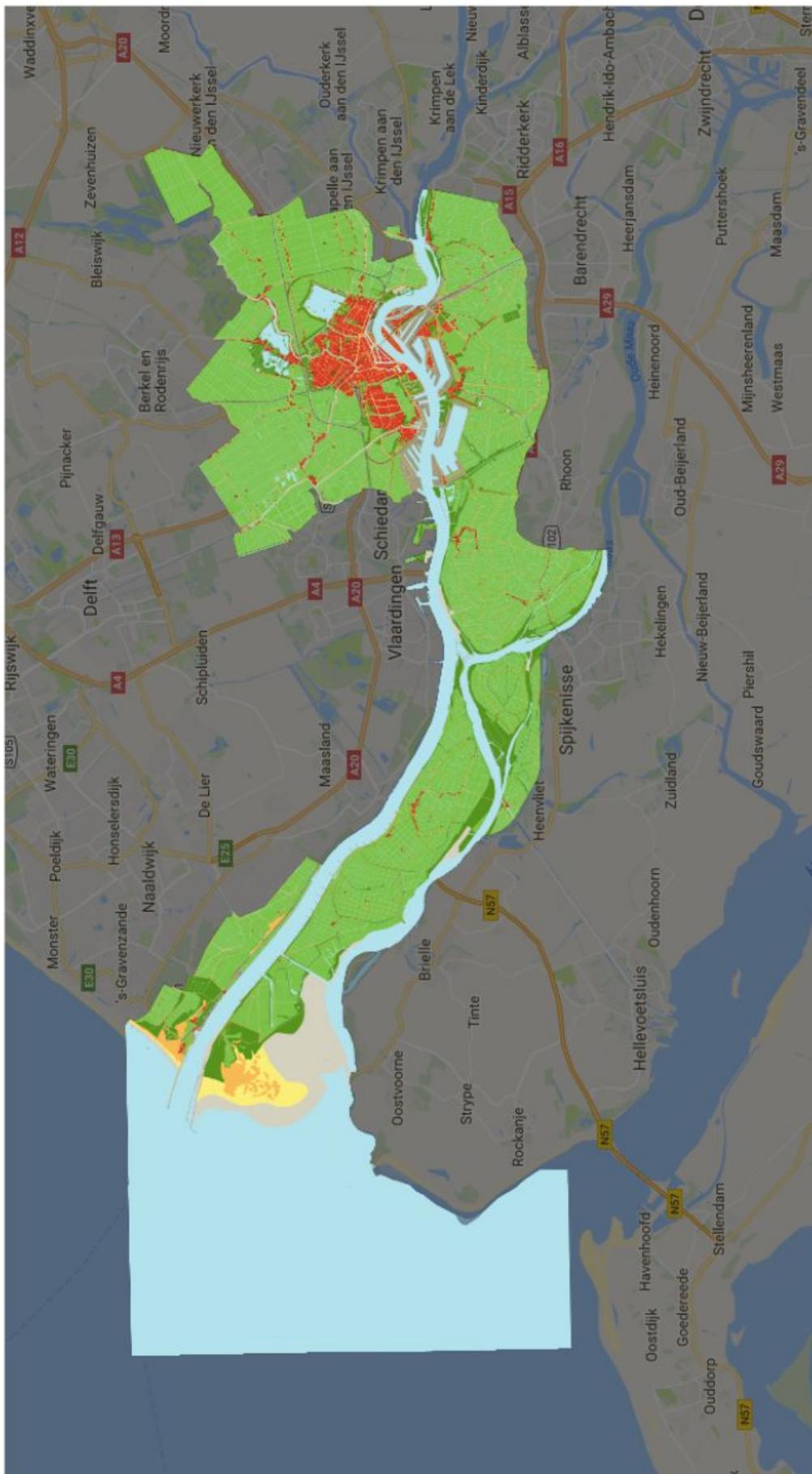
Em 2008, a crise financeira afetou os Países Baixos e, especificamente, Rotterdam, que teve seu orçamento restrito por volta de 2012. O financiamento nacional também foi parcialmente reduzido devido ao aumento das taxas de desemprego.

Sobre o desenvolvimento da habitação nesta e nas próximas décadas, os editores do *Rotterdam Woont* consideram o atual momento como o início de um novo período no campo da habitação, em que os moradores não se preocupam com a qualidade física da casa, mas sim com uma vizinhança e um lugar onde possam exercer seu próprio estilo de vida (WIJNGAARDEN e HOOYKAAS, 2016).



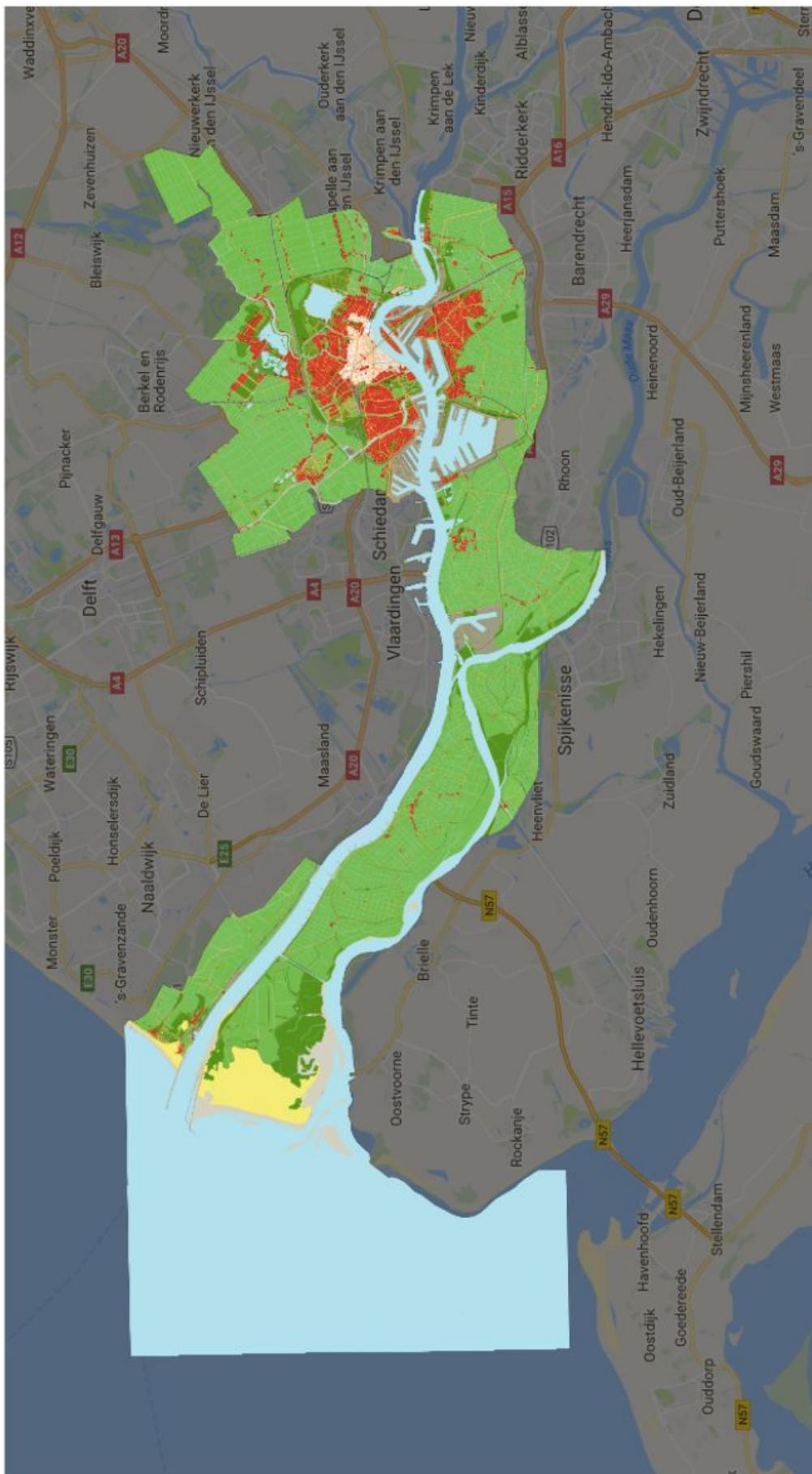
**DESENVOLVIMENTO URBANO DE ROTTERDAM**

**1850 | 1920 | 1940 | 1970 | 1990 | 2008**



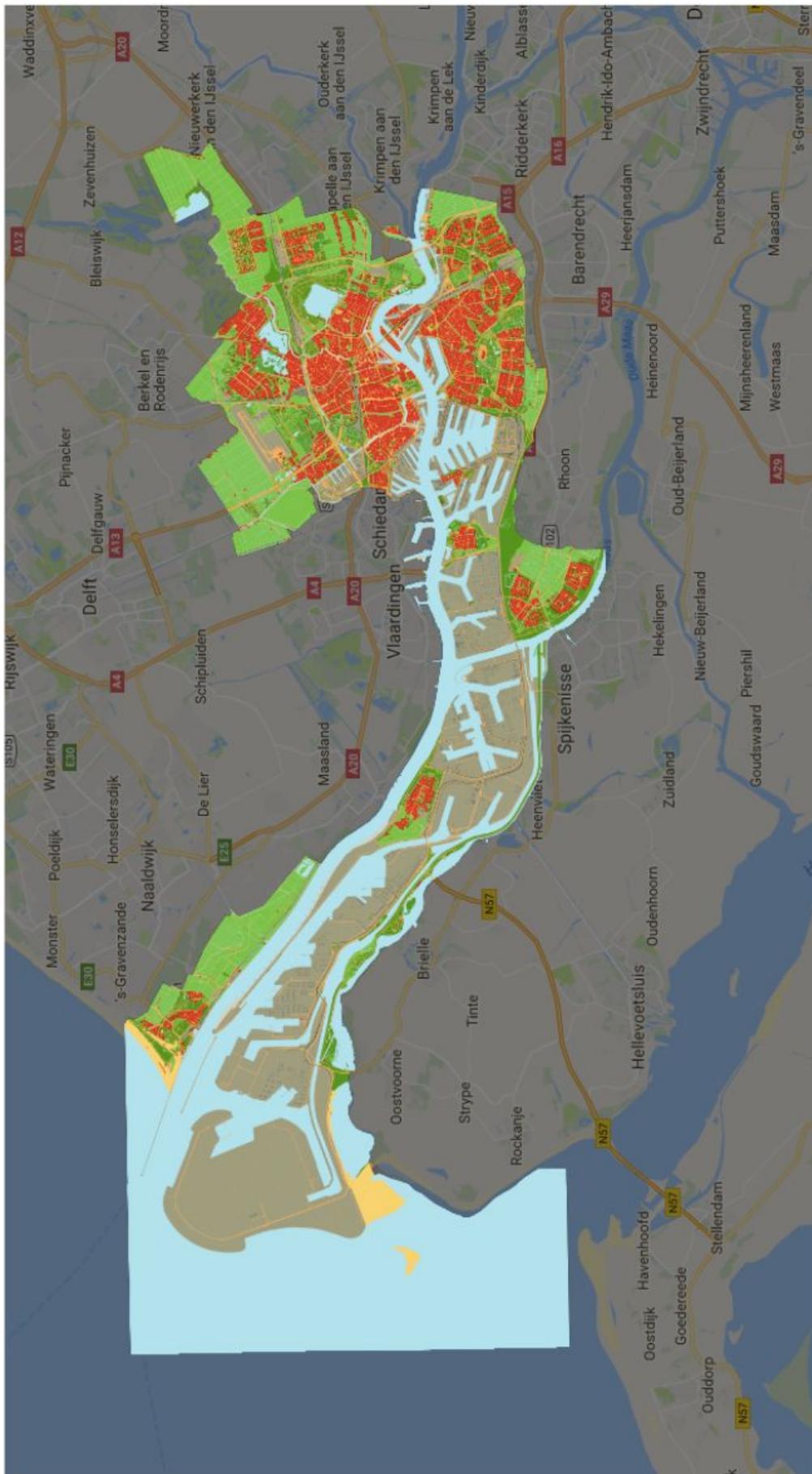
DESENVOLVIMENTO URBANO DE ROTTERDAM

1850 | 1920 | 1940 | 1970 | 1990 | 2008



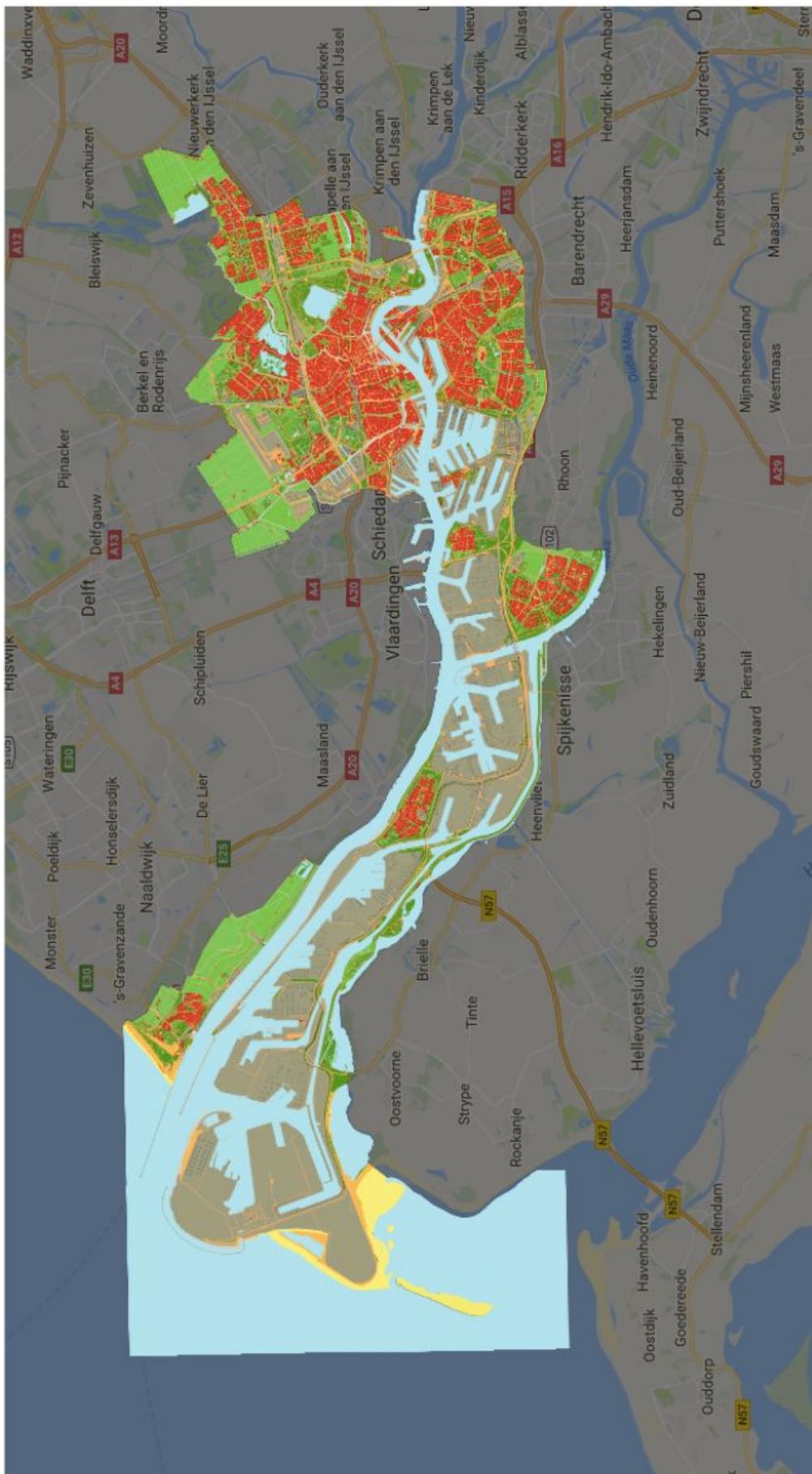
**DESENVOLVIMENTO URBANO DE ROTTERDAM**

1850 | 1920 | 1940 | 1970 | 1990 | 2008



DESENVOLVIMENTO URBANO DE ROTTERDAM

1850 | 1920 | 1940 | 1970 | 1990 | 2008



DESENVOLVIMENTO URBANO DE ROTTERDAM

1850 | 1920 | 1940 | 1970 | 1990 | 2008



## 2.2. Linha Tipológica do Tempo

Nesta seção, apresentamos uma análise das tipologias de habitação para traçar-se uma linha de tempo em que a arquitetura é um elemento representativo da sua época, tecendo a narrativa dos padrões e hábitos de habitação da sociedade em um determinado ponto da história. Os projetos a em estudo, tratam de habitações multifamiliares, em que unidades térreas de um ou mais pavimentos são combinadas com unidades de dois ou mais pavimentos na parte superior do mesmo edifício.

Para a análise das seguintes habitações, a partir de uma perspectiva mais geral, tentaremos reconhecer como essas atividades básicas e corriqueiras são distribuídas e como elas se relacionam espacialmente entre si dentro do projeto arquitetônico. Isso irá fundamentar a investigação de padrões comportamentais ao longo do tempo. As atividades mencionadas, seguindo o exemplo de Nishihara (1971), são divididas em *reunir, dormir, cozinhar, comer, lavar e trabalhar*.

Para melhor situá-los no contexto urbano da cidade, ao apresentar cada projeto será mostrada sua localização em um mapa de cheios e vazios (adaptado da imagem 52). Em seguida, ao lado, será apresentada a implantação dos edifícios em mapas adaptados da plataforma OpenStreetMap.org.



Fonte: Kust in Kaart, 2017 <sup>52</sup>

<sup>52</sup> KUNST IN KAART, 2017. Mapa da cidade de Rotterdam. Kust in Kaart. Acesso em: 22 junho 2017. Disponível em: <https://kunstinkaart.nl/product/rotterdam-white-city-map/>

## 1910 | SLEEPHELLINGSTRAAT

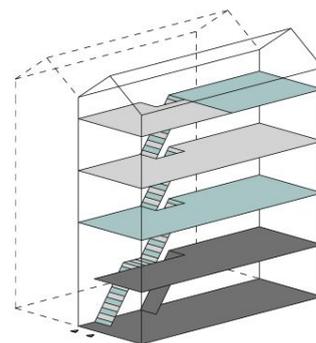


Fonte: Rotterdam Woont, 2016 <sup>53</sup>

<sup>53</sup> ROTTERDAM WOONT, 2016. Foto da esquina das ruas Sleephellingstraat e Prins Hendriklaan. Rotterdam Woont. Acesso em: 16 junho 2017. Disponível em: [http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/217/Ecowoning\\_Sleephellingstraat](http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/217/Ecowoning_Sleephellingstraat)

As casas de número 6 a 20 na rua Sleepellingstraat fazem parte de um bloco fechado de edifícios de baixo gabarito, datado de 1910. Já sob o Dutch Housing Act, de 1901, essas casas foram construídas no bairro de Noordereiland, que, após a construção do canal Nieuwe Waterweg, abandonou suas atividades portuárias e tornou-se uma área de habitação.

Cada casa é composta por três moradias de cinco pavimentos. As duas unidades da parte de cima (65m<sup>2</sup>) compartilham a mesma entrada principal a partir da rua, assim como escada, corredor e os cômodos do último andar. A unidade do térreo (75m<sup>2</sup>) tem sua própria entrada e escadas privadas para o primeiro andar, o que proporciona um padrão maior de privacidade aos moradores.



Em todas as unidades, a cozinha está conectada e tem seu acesso exclusivamente através da área social da casa. Isso estabelece uma distinção de atividades por gênero no espaço doméstico, no qual, à época da construção, a culinária era exclusivamente um dever feminino. Ao analisar pelo tamanho da cozinha, a sala de estar representa o espaço para comer e reunir a família.

Os espaços de dormir variam entre as diferentes unidades analisadas. A inferior tem dois quartos e um banheiro compartilhado entre eles, enquanto as superiores têm uma alcova no pavimento principal e quartos sobressalentes no sótão.

A alcova era, normalmente, um espaço para descansar ou dormir, mas, nesse caso, servia também como uma sala intermediária entre dois espaços de estar. Alcovas eram, geralmente, mais aquecidas que os quartos normais e também ofereciam mais privacidade. No entanto, não tinham ventilação adequada ou luz natural, o que foi uma das razões para o seu desaparecimento ao longo da história.



Fonte: Adaptado de Atlas van de Rotterdamse Woningbouw, 1840-2015 <sup>54</sup>

Originalmente, essas casas foram construídas sem banheiro (WIJNGAARDEN e HOOYKAAS, 2016), o que evidencia um contraste considerável no costume de se lavar, se comparado aos padrões atuais. No início do século XX, ter um banheiro (e até mesmo água corrente) em casa ainda era um privilégio e as pessoas não se banhavam tão frequentemente como hoje em dia. Quando necessário, havia comumente uma casa de banho pública em cada bairro, a qual se poderia ir.

Como não era um ritual diário por volta do ano de 1900, a atividade de tomar banho não precisava acontecer em uma "sala de banho" exclusiva. Também não se usava tanta água, o que permitia que a atividade acontecesse em uma sala de estar ou de dormir, sobre uma tina. Melhor que qualquer outra descrição, a pintura *Nu à l'arrosier* (1902), do pintor francês Pierre Bonnard, ilustra perfeitamente a realização desse ritual na época.

<sup>54</sup> Da esquerda para a direita: térreo, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª pavimentos. ST = estocagem. Desenhos adaptados de WIJNGAARDEN, Andries van; HOOYKAAS, Frans. Rotterdam Woont. Atlas van de Rotterdamse Woningbouw 1840-2015. Thoth, 2016.



Fonte: Artnet, 1902 <sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> BONNARD, Pierre, 1902. Nu à l'arrosoir. Artnet. Acesso em: 17 junho 2017. Disponível: <http://www.artnet.com/artists/pierre-bonnard/nu-%C3%A0-larrosoir-or-toilette-%C3%A0-la-campagne-5aOGhE0X3I2TLVCn79eTdQ2>

## 1941 | NOORDSINGEL

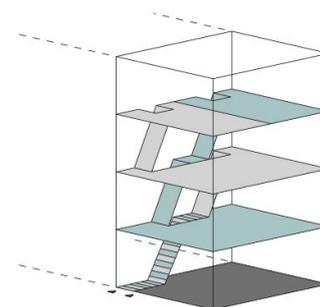


Fonte: Rotterdam Woont, 2016 <sup>56</sup>

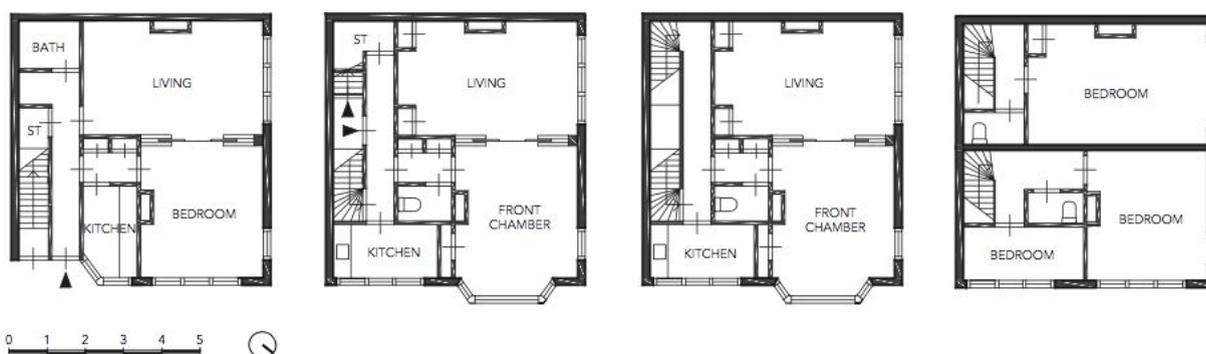
<sup>56</sup> ROTTERDAM WOONT, 2016. Foto da esquina do canal Noordsingel. Rotterdam Woont. Acesso em: 16 junho 2017. Disponível em: [http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/96/Woonblok\\_Noordsingel](http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/96/Woonblok_Noordsingel)

O bloco habitacional no canal de Noordsingel foi construído para substituir duas casas do século XIX, um ano após o *Rotterdam Blitz*. O bloco está na fronteira dos bairros Agniesebuurt e Oude Noord, tendo uma localização privilegiada, uma vez que o canal é uma das poucas faixas verdes nesta região do norte de Rotterdam.<sup>57</sup>

O bloco é composto por duas casas com três moradias em cada uma - uma unidade de um pavimento no piso térreo (50m<sup>2</sup>) e duas unidades duplex (75m<sup>2</sup>), que compartilham o último andar. Esse arranjo gera interessantes espaços compartilhados e privativos de tráfego, com escadas dispostas umas sobre as outras, para assegurar um acesso privado de cada unidade aos seus quartos no andar de cima. A entrada principal a partir da rua é exclusiva para o apartamento térreo e compartilhada para os outros dois.



Em seu pavimento principal, as unidades possuem dois quartos em “L” conectados, oferecendo aos habitantes novas possibilidades de uso e de distribuição das atividades. O cômodo frontal, no primeiro e segundo pavimentos, tem um elemento novo em comparação com o último exemplo estudado, de 1910 - a *bay window*.



Fonte: Adaptado de Atlas van de Rotterdamse Woningbouw, 1840-2015<sup>58</sup>

Este tipo de janela veio como uma solução para o desejo de monitorar a vida

<sup>57</sup> WIJNGAARDEN, Andries van; HOOYKAAS, Frans. Rotterdam Woont. Atlas van de Rotterdamse Woningbouw 1840-2015. Thoth, 2016.

<sup>58</sup> Da esquerda para a direita: térreo, 1º, 2º e 3º pavimentos. ST = estocagem. Desenhos adaptados de WIJNGAARDEN, Andries van; HOOYKAAS, Frans. Rotterdam Woont. Atlas van de Rotterdamse Woningbouw 1840-2015. Thoth, 2016.

nas ruas pelo lado de dentro, um hábito que as mulheres já cultivavam há séculos nos Países Baixos. No final do século XIX, no entanto, com a iniciativa das famílias da alta classe holandesas de criar um movimento civilizador que tentava proteger a vida privada, as mulheres não deveriam ser vistas na janela. Irene Cieraad (1999) comenta sobre esse fenômeno no início do século XX:

The practice of working-class women leaning out of the window while monitoring street life and having loud conversations by shouting to one another was condemned fiercely. [...] Ironically, by its outward construction the bay window facilitated the monitoring of street life. The pretense of carefully inspecting the potted plants in the windowsill gave housewives an excuse for a prolonged stay in the window's vicinity. For women in the prewar period the window indicated a dangerous borderline between honor and shame.<sup>59</sup>

Este exemplo ilustra perfeitamente como uma escolha de projeto, como a relacionada à janela, pode interagir com história, cultura e valores para cumprir um hábito, mesmo que ele não seja admitido ou olhado com bons olhos pela sociedade.

---

<sup>59</sup> CIERAAD, Irene. Dutch Windows: Female Virtue and Female Vice. In. CIERAAD, Irene. At Home, an Anthropology of Domestic Space. Syracuse University Press, 1999.

## 1951 | HOOGSTRAAT



Fonte: Rotterdam Woont, 2016 <sup>60</sup>

<sup>60</sup> ROTTERDAM WOONT, 2016. Foto do conjunto habitacional, tirada a partir da rua Zijl, mostrando as entradas para as escadas que levam aos apartamentos. Rotterdam Woont. Acesso em: 16 junho 2017. Disponível em: <http://rotterdamwoont.nl/items/view/18/Hoogstraat>



Fonte: NRC, 2017 <sup>61</sup>

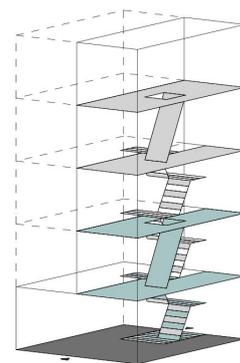
A Hoogstraat já era, desde o século XIX, uma rua comercial e tornou-se uma verdadeira avenida de compras nas décadas de 1920 e 1930, com diversas lojas pequenas e vendedores ambulantes. Este caráter foi mantido e expandido no Plano de Van Traa. As ruas comerciais para pedestres deram unidade ao novo centro de Rotterdam, conectando, por exemplo, a Hoogstraat com o Shopping Promenade Lijnbaan, um dos ícones da arquitetura moderna de Rotterdam (GROENENDIJK e VOLLAARD, 2013).

De forma semelhante ao que foi feito em grande parte da reconstrução do centro da cidade no pós-guerra, as habitações da Hoogstraat foram construídas com estabelecimentos comerciais nos andares de baixo, voltados para as ruas comerciais, enquanto o acesso principal aos apartamentos era feito por uma rua adjacente.

---

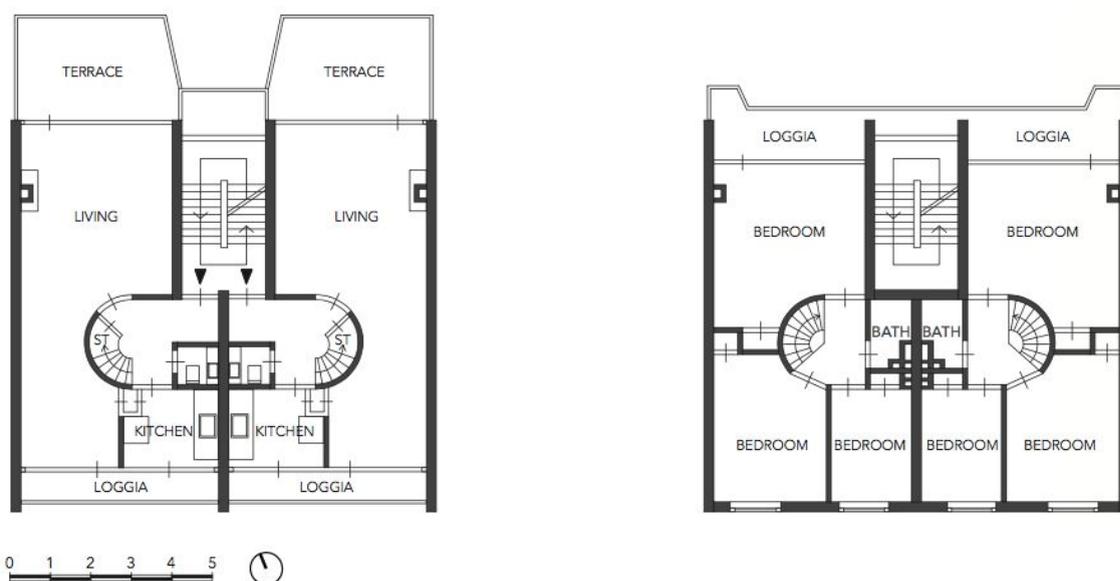
<sup>61</sup> NRC, 2017. Hoogstraat durante as primeiras décadas do séc.XX. NRC. Acesso em: 27 junho 2017. Disponível em: <https://www.nrc.nl/hoogstraat/>

Cada casa do bloco tem uma escada comum que vai até o terceiro pavimento e leva a quatro unidades duplex (cerca de 60m<sup>2</sup>), tendo cada uma delas um cômodo extra no quarto andar. Todos os apartamentos possuem loggias em ambas as fachadas, ao longo de toda sua extensão; As moradias dos pavimentos inferiores têm também um terraço com vista para o canal da rua Zijl, enquanto as unidades superiores possuem uma pequena varanda.



A área de estar nestas habitações conectam ambas as fachadas através de uma sala contínua, que é dividida, no entanto, em duas zonas diferentes pelo volume curvo das escadas do hall. Isso estabelece uma hierarquia entre esses dois espaços sem segregá-los fisicamente.

No pavimento inferior dos apartamentos, a loggia e o terraço/varanda funcionam como extensões dos quartos e, conseqüentemente, das atividades que acontecem lá, como comer, se reunir ou até mesmo cozinhar, se na cozinha. No entanto, no andar superior, a loggia é um lugar íntimo, uma extensão do quarto principal para a tranquila rua Zijl.



Fonte: Adaptado de Atlas van de Rotterdamse Woningbouw, 1840-2015 <sup>62</sup>

Como pode-se observar nas imagens seguintes, desde a sua construção, em

<sup>62</sup> Da esquerda para a direita: 1 e 2º pavimentos. ST = estocagem. Desenhos adaptados a partir dos originais disponíveis na plataforma do Rotterdam Woont.

1951, as loggias na fachada de Hoogstraat foram fechadas com uma camada de vidro, o que certamente ajudou a isolar as unidades de habitação dos ruídos da rua comercial movimentada.



Fonte: Rotterdam Woont, 2016 <sup>63</sup>

<sup>63</sup> ROTTERDAM WOONT, 2016. Fotos da fachada original (1953) e da fachada atual (2017). Rotterdam Woont. Acesso em: 27 junho 2017. Disponível em: <http://rotterdamwoont.nl/items/view/18/Hoogstraat>

## 1979 | GERDESLAWEG

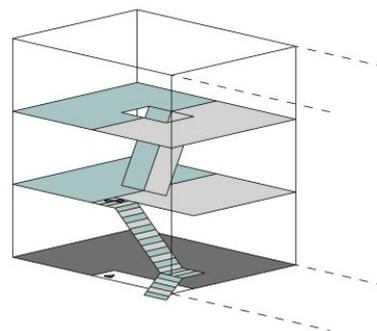


Fonte: Google Maps, 2015 <sup>64</sup>

<sup>64</sup> GOOGLE, 2015. Rotterdam, Países Baixos. Google Maps. Acesso em: 27 junho 2017. Disponível em: <https://www.google.pt/maps/>

Os blocos de edifícios ao longo da rua Gerdesiaweg, no bairro de Kralingen, foram construídos durante o período de renovações urbanas de Rotterdam. A partir do envolvimento de seus habitantes, foi criado um novo plano, dedicando mais espaço para habitação na área.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, quando uma grande parte deste bairro foi destruído, as visões sobre habitação e desenvolvimento urbano mudaram drasticamente. As moradias eram menores e mais "humanas" que os blocos anônimos de edifícios dos anos cinquenta e sessenta (WIJNGAARDEN e HOOYKAAS, 2016). Cada bloco do complexo da rua Gerdesiaweg possui seis unidades, dois apartamentos no térreo e quatro apartamentos duplex acima deles, todos com aproximadamente 80m<sup>2</sup>.



Mesmo que as habitações sejam bastante compactas, cada unidade possui um banheiro consideravelmente maior, se comparado aos projetos anteriores. Eles também só são acessíveis através dos quartos, dando ao habitante mais privacidade ao lavar-se. O lavabo, acessível através do corredor, está disponível para eventuais convidados, que não precisam necessariamente perturbar a intimidade dos moradores para usá-lo.



Fonte: Atlas van de Rotterdamse Woningbouw, 1840-2015 <sup>65</sup>

A cozinha, por outro lado, se torna mais integrada à sala de estar no layout

<sup>65</sup> Metade direita de um bloco, sendo a metade da esquerda simétrica a essa. Da esquerda para a direita: térreo, 1º e 2º pavimentos. ST = estocagem. Desenhos adaptados de WIJNGAARDEN, Andries van; HOOYKAAS, Frans. Rotterdam Woont. Atlas van de Rotterdamse Woningbouw 1840-2015. Thoth, 2016.

dos apartamentos de baixo, onde não existe barreira física entre esses dois ambientes. As atividades de cozinhar, comer, reunir e até talvez a de trabalhar são mais propensas a se unir no mesmo espaço, que se adapta às necessidades dos moradores ao longo do dia.

Nas unidades duplex, o terraço é conectado exclusivamente à cozinha, não sendo acessível através da sala de estar. Isso provavelmente leva esse espaço a ser mais utilizado para refeições ou para atividades de serviço do que para reunião ou recepção de pessoas, especialmente se considerar-se a presença de convidados.



Fonte: Rotterdam Woont, 2016 <sup>66</sup>

---

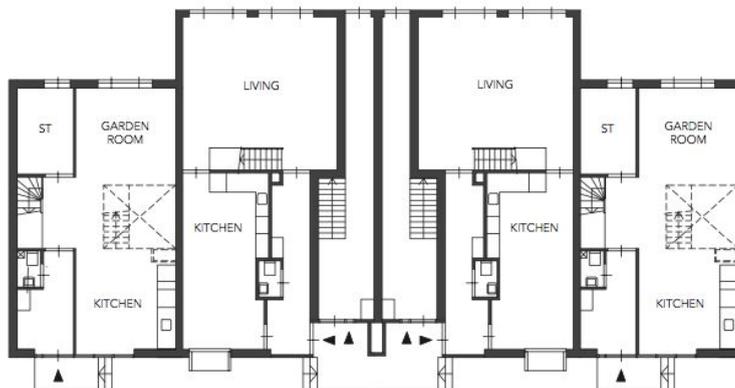
<sup>66</sup> ROTTERDAM WOONT, 2016. Bloco habitacional assimétrico do complexo de Gerdesiaweg. Rotterdam Woont. Acesso em: 18 junho 2017. Disponível em: [http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/122/Mlinderbuurt\\_Gerdesiaweg](http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/122/Mlinderbuurt_Gerdesiaweg)

## 2001 | HONINGBIJSTRAAT



Fonte: Funda, 2015 <sup>67</sup>

<sup>67</sup> FUNDA, 2015. Honingbijstraat. Funda. Acesso em: 18 junho 2017. Disponível em: <http://www.funda.nl/koop/verkocht/rotterdam/huis-49538629-honingbijstraat-49/>

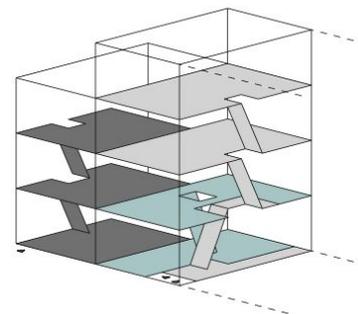


Fonte: Atlas van de Rotterdamse Woningbouw, 1840-2015 <sup>68</sup>

<sup>68</sup> De cima para baixo: térreo, 1º, 2º e 3º pavimentos. ST = estocagem. Desenhos adaptados de WIJNGAARDEN, Andries van; HOOYKAAS, Frans. Rotterdam Woont. Atlas van de Rotterdamse Woningbouw 1840-2015. Thoth, 2016.

O projeto de habitação da rua Honingbijstraat, também no bairro de Kralingen, foi construído no terreno da antiga companhia municipal de gás, que foi destruída durante o *Rotterdam Blitz*.

Entre a variedade de tipologias de habitação oferecidas no projeto, existe um tipo de bloco que compreende duas casas triplex unifamiliares (139m<sup>2</sup>) e quatro duplex (119m<sup>2</sup> e 129m<sup>2</sup>). Todas as unidades têm sua entrada privativa a partir da rua e as unidades superiores têm uma extra na parte de trás do edifício. As moradias do térreo têm um quintal privativo, acessado através da “sala do jardim” nas casas unifamiliares ou através da sala de estar nas unidades duplex.



Localizado no mesmo nível da cozinha, o quintal - bem como o terraço no segundo andar - pode servir como uma possível extensão do espaço de estar para comer ou mesmo se reunir e cozinhar, de acordo com o clima.



Fonte: Funda, 2015 <sup>69</sup>

Em comparação com o projeto anterior, este projeto concedeu mais privacidade para as atividades de dormir e se lavar, colocando o banho e os quartos no pavimento de cima. A diferenciação de níveis estabelece um limiar entre as atividades privadas e sociais dentro da casa. Desta forma, reunir ou receber um

<sup>69</sup> FUNDA, 2015. Honingbijstraat. Funda. Acesso em: 18 junho 2017. Disponível em: <http://www.funda.nl/koop/verkocht/rotterdam/huis-49538629-honingbijstraat-49/>

convidado não interferiria espacialmente na intimidade dos moradores.

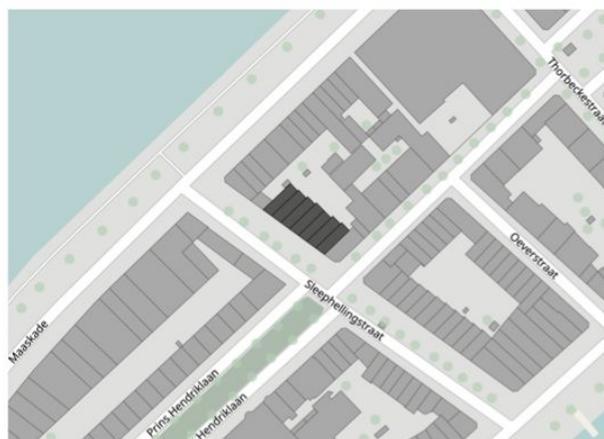


Fonte: Funda, 2015 <sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> FUNDA, 2015. Honingbijstraat. Funda. Acesso em: 18 junho 2017. Disponível em: <http://www.funda.nl/koop/verkocht/rotterdam/huis-49538629-honingbijstraat-49/>

## 2008 | SLEEPHELLINGSTRAAT

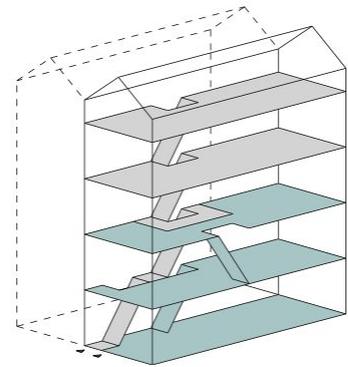


Fonte: Rotterdam Woont, 2016 <sup>71</sup>

<sup>71</sup> ROTTERDAM WOONT, 2016. Foto da rua Sleephellingstraat. Rotterdam Woont. Acesso em: 18 junho 2017. Disponível em: <http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/288/Sleephellingstraat>

A renovação das casas da rua Springhellingstraat, quase cem anos após sua construção, trouxe muitas mudanças ao projeto das suas moradias. O complexo, compreendido por nove casas, é uma paisagem urbana tombada. Assim, entre as obras de renovação, a restauração da fachada de tijolos e das janelas de madeira originais foram importantes para preservar não só a aparência das casas, mas principalmente a sua identidade e a atmosfera que trazem ao bairro.

No interior das casas, no entanto, muito mudou. As três unidades originais foram convertidas em duas novas - uma casa triplex térrea com jardim (118m<sup>2</sup>) e uma duplex com terraço (85m<sup>2</sup>). Entre outras melhorias, agora cada unidade tem sua entrada principal a partir da rua e, portanto, acesso privado à habitação.



Fonte: Atlas van de Rotterdamse Woningbouw, 1840-2015 <sup>72</sup>

Em comparação com o esquema original, as renovações integraram espaços

<sup>72</sup> Da esquerda para a direita: térreo, 1º, 2º, 3º e 4º pavimentos. ST = estocagem. Desenhos adaptados de WIJNGAARDEN, Andries van; HOOYKAAS, Frans. Rotterdam Woont. Atlas van de Rotterdamse Woningbouw 1840-2015. Thoth, 2016.

de estar e cozinha. Isso reafirma uma maior interação no mesmo ambiente entre as atividades originalmente consideradas masculinas e femininas, o que não faria sentido no projeto original. Esta continuidade também proporciona aos moradores mais liberdade para decidir um layout que melhor se adeque às suas atividades, sendo também um espaço mais flexível a mudanças ao longo do tempo.

Por fim, o terraço da cobertura, em contraste com os projetos anteriores, é uma extensão do quarto, em vez da cozinha ou sala de estar. É, portanto, imbuído de um caráter mais privado, funcionando como um lugar particular e não como um espaço para reuniões.



Fonte: Rotterdam Woont, 2016 <sup>73</sup>

<sup>73</sup> ROTTERDAM WOONT, 2016. Corte esquemático. Rotterdam Woont. Acesso em: 16 junho 2017. Disponível em: [http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/217/Ecowoning\\_Sleephellingstraat](http://www.rotterdamwoont.nl/items/view/217/Ecowoning_Sleephellingstraat)

### 3. TRAÇANDO CONCLUSÕES

O comportamento humano, como discutido neste trabalho, é submetido às dimensões temporais e espaciais. No entanto, ações primordiais como se reunir ou dormir, apesar de serem executadas de formas diferentes, são comuns a todas as famílias, o que diz mais sobre as semelhanças do que sobre as diferenças entre as pessoas.

Em seu livro *Japanese Houses: Patterns for Living*, Kiyoyuki Nishihara (1971) fala sobre as diferenças entre casas ocidentais e japonesas e sobre como os espaços são, em geral, definidos de formas distintas. No entanto, se não levarmos em conta a perspectiva do espaço, mas sim de como as atividades básicas ocorrem nessas duas tipologias habitacionais, elas são consideravelmente similares.

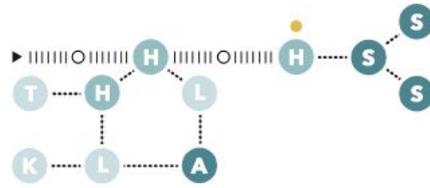
Uma investigação do espaço arquitetônico é capaz de contar a história dos costumes, rituais e hábitos. Mesmo tendo como base o curto espaço de tempo entre os anos de 1900 e 2000, a análise dos desenhos anteriores, levando-se em consideração as circunstâncias históricas, ajuda a melhor entender o desenvolvimento dos padrões de moradia e a forma com que se refletem na Arquitetura.

## HIERARQUIA

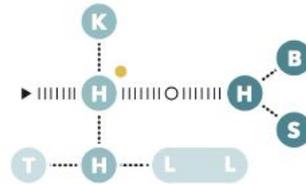
A organização espacial de uma habitação é intrínseca à organização das diversas atividades humanas. É ela que vai definir os espaços em que cada uma das atividades pode se desenvolver melhor, de acordo com os hábitos do morador. Em um grau significativo, é o design desses lugares, suas dimensões, posição e relação uns com os outros, assim como sua relação com a luz, as vistas, o ar e o espaço, que conferem qualidade ao ambiente da residência (LEUPEN, 2011).

Nos diagramas a seguir, pode-se entender melhor a hierarquia entre os espaços e a conectividade entre as atividades domésticas nos estudos de caso. O desenvolvimento dos padrões de vida doméstica pode ser analisado e algumas conclusões podem ser traçadas comparando as habitações.

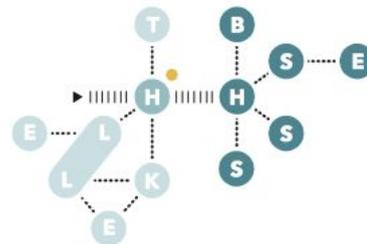
## 1910 | SLEEPHELLINGSTRAAT



## 1941 | NOORDSINGEL

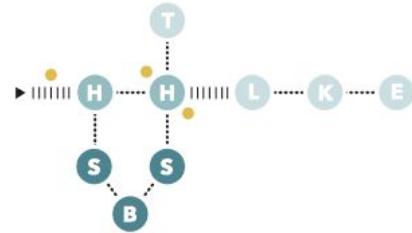


## 1951 | HOOGSTRAAT

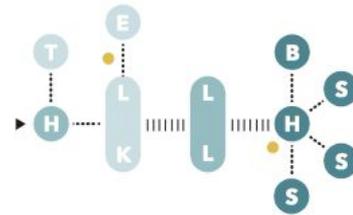
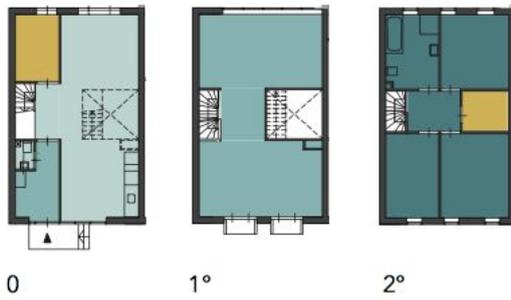


- |            |              |             |             |
|------------|--------------|-------------|-------------|
| ● A ALCOVA | ● K COZINHA  | ● H HALL    | ● PRIVADO   |
| ● S QUARTO | ● L ESTAR    | ● T TOILETE | ● TRANSIÇÃO |
| ● B BANHO  | ● E EXTERIOR | ● ESTOCAGEM | ● SOCIAL    |

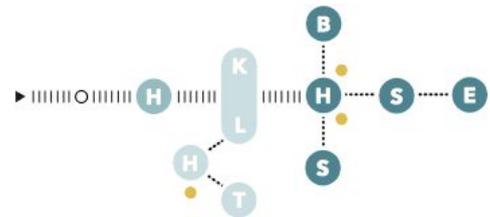
## 1979 | GERDESIAWEG



## 2001 | HONINGBIJSTRAAT



## 2008 | SLEEPHELLINGSTRAAT



- |            |              |               |               |
|------------|--------------|---------------|---------------|
| (A) ALCOVA | (K) COZINHA  | (H) HALL      | (●) PRIVADO   |
| (S) QUARTO | (L) ESTAR    | (T) TOILETE   | (●) TRANSIÇÃO |
| (B) BANHO  | (E) EXTERIOR | (●) ESTOCAGEM | (●) SOCIAL    |

## A QUESTÃO DE GÊNERO

As mudanças nos papéis de gênero na sociedade e no mercado alteraram a hierarquia em casa - os padrões comportamentais mudaram e o uso do espaço doméstico também se transformou. Tornou-se evidente, a partir do estudo de caso, que quanto mais recente é o projeto, mais fluida é a conexão entre as atividades de trabalhar, cozinhar, comer e se reunir.

Em seu artigo intitulado *The Experience of Atmosphere*, Paul Pennartz (1999) cita famílias holandesas que foram entrevistadas sobre suas preferências e percepções do espaço doméstico, em particular a visão da mulher sobre a conexão entre cozinha e sala de estar.

“An open kitchen, that’s also nice, because... when I am in the kitchen... and the whole family is here, you are so shut away... it's not so pleasant.” Being shut away or feeling shut away is not a static feature of a situation. It changes continuously with the actions of people and the use of architectural elements. Another woman added: „Now, you close the door and I am in the kitchen, ...and when you have an open kitchen and someone calls you... you don't need to open a door.” Such a seemingly trivial action as having to open a door evidently influences the experience of space.<sup>74</sup>

Certamente, essa não é uma opinião unânime. Para algumas famílias, independente dos papéis de gênero, ter as atividades bem separadas em casa é considerado mais confortável. No entanto, ao longo da linha do tempo tipológica, a mudança de tamanho e a integração da cozinha com o resto da casa se torna evidente. Isso comprova a crescente importância deste espaço e também deixa clara a mudança nas atividades que esse cômodo hospeda nas moradias contemporâneas.

Em épocas anteriores, quando a mulher era exclusivamente encarregada de cuidar da casa e das crianças, os papéis masculino e feminino eram evidentemente distintos, sendo o segundo subordinado ao primeiro. A atividade de cozinhar e, conseqüentemente, o espaço onde ela acontecia, por exemplo, eram claramente separados das salas de estar e de jantar. Considerando-se que a preparação das refeições no século XIX era inteiramente dever das mulheres, especialmente nas

---

<sup>74</sup> PENNARTZ, Paul. *The Experience of Atmosphere*. In: CIERAAD, Irene. *At Home, an Anthropology of Domestic Space*. Syracuse University Press, 1999.

famílias de baixa renda, a cozinha era também um espaço de trabalho.

Dessa forma, a maneira com que mulheres e homens vivenciam o espaço está relacionada aos seus papéis na sociedade e em casa. Retomando o exemplo da janela holandesa, seus múltiplos significados como representantes dos valores da sociedade. O comportamento da mulher nas proximidades da janela definia sua integridade e status familiar. Em contraste, a janela teve muito menos significado para o comportamento masculino (CIERAAD, 1999).

A questão do gênero mudou significativamente ao longo do tempo e a hierarquia nas relações entre os papéis masculino e feminino já foi consideravelmente desconstruída. Como consequência, o espaço doméstico é usado de forma mais dinâmica, de forma que os ambientes não estão tão associados ao gênero como estão ao tempo, à mobilidade e à conectividade.

## INTIMIDADE E PRIVACIDADE

Atividades como dormir e tomar banho, assim como os ambientes destinados a elas, tornaram-se mais íntimos ao longo do tempo. Existe uma preocupação com cômodos de transição e com a forma com que o fluxo das pessoas se cruza, para que não se perturbe a privacidade dos moradores. Pequenos corredores e passagens, juntamente com a distinção de níveis, ajudam a proteger a intimidade dos habitantes na realização das ações mencionadas e em todos os hábitos associados a elas.

As configurações das unidades da Sleephellingstraat em dois momentos distintos (1910 e 2008) representam padrões de privacidade completamente diferentes. No século XIX, uma família (que não raramente contava com dez crianças ou mais) morava em um dos apartamentos do conjunto, com pelo menos as crianças tendo que dividir um quarto ou uma alcova para dormir. Em contraste, como pode ser suposto através do corte esquemático da página 86, as unidades renovadas são ocupadas por famílias muito menores, para as quais a noção de privacidade tem outro significado.

Em seu esquema original (1910), as duas moradias superiores da

Springhellingstraat compartilhavam o último andar, o que também acontece nos apartamentos da Noordsingel (1941). O que as difere é como os fluxos são tratados. No primeiro, o sótão é quase um espaço compartilhado, onde os fluxos dos moradores se cruzam naturalmente, enquanto no segundo cada unidade tem seu próprio acesso aos quartos no último pavimento.

Esta resposta projetual veio em resposta às novas noções de individualidade e privacidade e suas subsequentes mudanças nos padrões de habitação. Há uma mudança na forma como a transição entre os espaços sociais e íntimos acontece dentro da habitação e as conexões entre os ambientes é o que a define.

## O HALL COMO UM LIMIAR

Além da separação entre as esferas íntima e social dentro da habitação, a transição entre a vida pública e a vida dentro do lar é algo constantemente presente no design da habitação. No entanto, a maneira de se lidar com essa questão mudou ao longo do tempo. O hall de entrada é um elemento que aparece em todos os exemplos estudados, corroborando sua importância como limiar entre espaço público e espaço privado.

In Western homes the hall [...] played a vital role in the transition between inside and outside; this was still the public portion of the house, where the identification of visitors took place and people could tidy themselves up before entering the domain of the actual home.<sup>75</sup>

A memória corporificada do ato de entrar em casa e sua relevância como espaço de armazenamento e distribuição é o motivo de o hall ainda ser tão importante no projeto da habitação contemporânea. É onde geralmente a conexão com os outros ambientes e pavimentos acontece, além de ser o espaço onde se deixa os casacos, sapatos, guarda-chuvas e muitos outros objetos que são usados ao se sair de casa. Embora o significado e o tamanho do hall tenham mudado ao longo do tempo, ele ainda é um limiar essencial para proteger de forma abstrata a

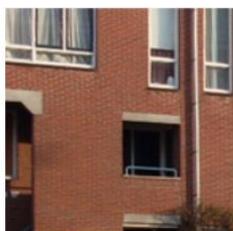
---

<sup>75</sup> LEUPEN, Bernard. *Housing Design - A Manual*. Rotterdam: Netherlands Architecture Institute, 2011.

integridade e privacidade do lar.

## MATERIALIDADE

A materialidade é percebida como um aspecto importante para a memória corporificada da arquitetura residencial. Os tijolos marrom escuro/vermelho estão presentes em todos os estudos de caso, exceto no projeto modernista de 1951, quando concreto e vidro estavam em voga.



Da esquerda para a direita: os estudos de caso da Sleephellingstraat (1910), Noordsingel (1941), Gerdesiaweg (1979) e Honingbijstraat (2001).

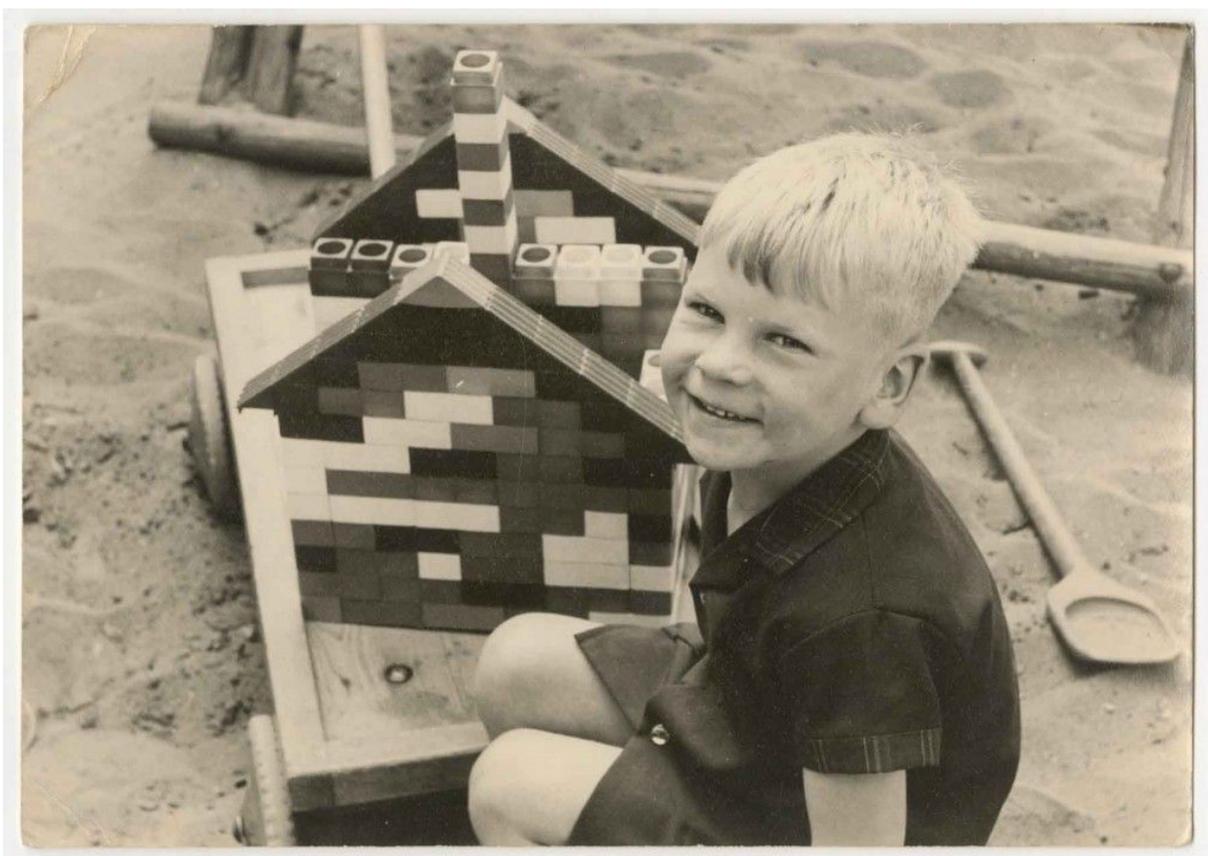
A exposição *The Netherlands Builds in Brick* no Het Nieuwe Instituut, em Rotterdam, mostra que a predileção pelo tijolo como material de construção permaneceu nos Países Baixos, modificando o suposto triunfo do modernismo.

The common image of Dutch architecture between the two world wars is defined by Dutch modernist architecture. During those years, functionalist designs in glass and concrete were said to have radically dethroned the traditional brick architecture of Berlage, Kropholler and the Amsterdam School. The Netherlands builds in brick shows that traditional and innovative brick architecture continued to develop alongside modernism.<sup>76</sup>

Isso justifica o envolvimento dos *Rotterdamers* nas manifestações do C70, que tinham o objetivo de impedir o município de demolir bairros tradicionais e construir de acordo com os padrões modernistas. Isso também explica o cuidado de tratar a fachada das casas da Sleephellingstraat como uma paisagem urbana e também restaurar seus tijolos e janelas de madeira nas renovações de 2008.

---

<sup>76</sup> HET NIEUWE INSTITUUT, 2015. The Netherlands builds in brick [online]. [Acesso em: 29 Jun. 2017]. Disponível em: <https://nederland-bouwt-in-baksteen.hetnieuweinstituut.nl/en>



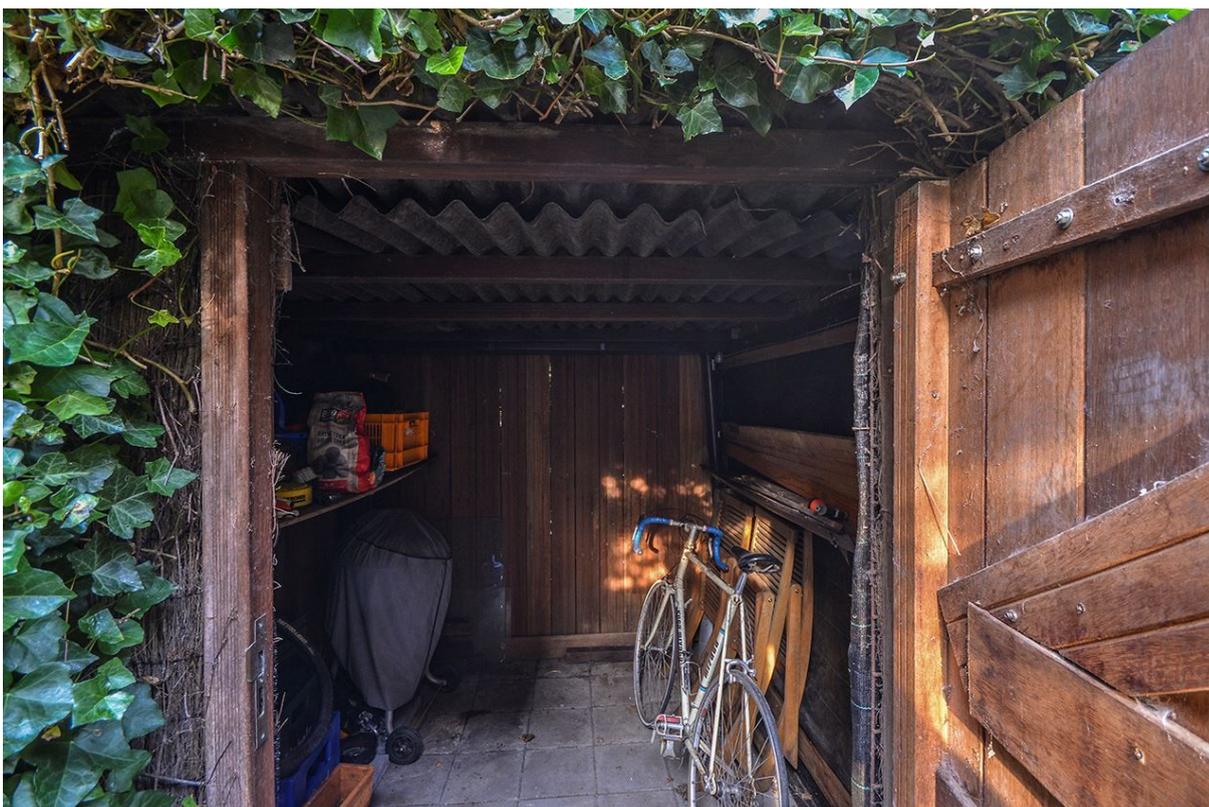
Fonte: BMIIA, 2015 <sup>77</sup>

## COMPACIDADE

Outro elemento que apareceu repetidamente nos desenhos analisados é a sala de armazenamento. Muitos espaços residuais, dentro e fora da casa, especialmente sob as escadas, foram transformados em um armário ou mesmo em uma sala para armazenar mantimentos, ferramentas, máquina de lavar roupas, bicicletas ou carrinhos de bebê. Isso revela uma preocupação com a utilização eficiente da tridimensionalidade e racionalização do espaço para uma habitação mais compacta.

---

<sup>77</sup> BMIIA, 2015. Foto de Alfred Marks, curador da exposição *The Netherlands Builds in Brick*, quando criança, mostrando que a popularidade e a tradição de construção com tijolos não estava apenas no meio arquitetônico, mas também enraizada no cotidiano. BMIIA. Acesso em: 29 junho 2017. Disponível em: <http://www.bmiaa.com/netherlands-builds-brick-archivists-view-dutch-modernism/>



Fonte: Funda, 2015 <sup>78</sup>

Uma vida mais compacta é atualmente um dos principais temas do planejamento urbano e da arquitetura residencial. A necessidade contemporânea de poupar espaço e recursos produz moradias mais compactas. A renovação das casas na Springhellingstraat, no entanto, não parece estar de acordo com essa premissa. Considerando que atualmente cerca de 70% dos domicílios em Rotterdam são de uma ou duas pessoas<sup>79</sup>, a solução de apartamentos de três e cinco quartos não parece adequada.

No entanto, padrões de habitação estão em constante mudança. No caso específico da Sleafhellingstraat, houve algumas limitações físicas devido ao edifício já existente, o que reduz as possibilidades de projeto. Mas, mesmo assim, se considerarmos que a unidade de cinco quartos de 118 m<sup>2</sup> se adequa não apenas a uma família com pais e filhos, mas também a quatro famílias de uma única pessoa, ela se torna uma habitação extremamente compacta e espacialmente eficiente.

---

<sup>78</sup> FUNDA, 2015. Honingbijstraat. Funda. Acesso em: 18 junho 2017. Disponível em: <http://www.funda.nl/koop/verkocht/rotterdam/huis-49538629-honingbijstraat-49/>

<sup>79</sup> GEMEENTE ROTTERDAM, 2017. Rotterdam, OBI, Neighborhood Profile 2014-2016 [online]. [Acesso em: 20 junho 2017]. Disponível em: <http://wijkprofiel.rotterdam.nl/nl/2016/rotterdam/rotterdam/rotterdam/>

Certamente, esta é uma situação especulativa, mas isso reforça o argumento de que padrões comportamentais e contexto social devem estar em sincronia para produzir soluções arquitetônicas inovadoras e criativas.

## Posfácio

Os hábitos são um produto do contexto histórico e cultural, bem como a Arquitetura. Analisar um projeto arquitetônico a partir da perspectiva de padrões comportamentais ajuda a reconhecê-lo como um reflexo dos costumes da sociedade e, conseqüentemente, como um produto de seu tempo e lugar.

Uma casa é o habitat que hospeda os rituais e hábitos mais comuns das pessoas, portanto, é o lugar onde se expressa genuinamente. Capturar a essência do lar através dos padrões habitacionais dos habitantes é entender o universo no qual eles estão inseridos. A habitação é a interpretação do cosmos em escala humana (OLIVER, 2003)

O objetivo principal das reflexões deste artigo é dar suporte a um futuro projeto de habitação que abrace a cultura e os valores dos habitantes, permitindo-lhes, desta forma, expressar-se e identificar-se com o objeto arquitetônico e alcançar o seu *state of home*. Isto será desenvolvido no próximo semestre através da aplicação prática em projeto das questões teóricas aqui apresentadas, para atender às necessidades culturais, fisiológicas e transcendentais dos habitantes. Sendo importante não somente dar-se continuidade a tradições e elementos importantes do passado, como atender a demanda presente já pensando em flexibilizações para o futuro. Sempre levando em conta os parâmetros fenomenológicos, sensoriais, sensitivos e o conceito de conforto.

## Bibliografia

ATELIER BOW WOW. Behaviorology. Nova York: Rizzoli, 2010

BULHOF, Francis. Nijhoff, Van Ostaijen, "De Stijl": Modernism in The Netherlands and Belgium in the First Quarter of the 20th Century. The Hague: Martinus Nijhoff, 1976.

CASCUDO, Luís da Câmara. Rede de Dormir: uma Pesquisa Etnográfica. São Paulo: Global, 2003.

CAVALLO, Roberto; KOMOSSA, Susanne; MARZOT, Nicola (Hg.). New Urban Configurations. Delft: Delft University Press, 2014.

CIERAAD, Irene. Dutch Windows: Female Virtue and Female Vice. In. CIERAAD, Irene. At Home, an Anthropology of Domestic Space. Syracuse University Press, 1999.

GEMEENTE ROTTERDAM, 2017. Urban Renewal [online]. [Acesso em: 25 junho 2017]. Disponível em: <https://www.rotterdam.nl/wonen-leven/stadsvernieuwing/>

GRAAF, Jan de. Architectuur en Stedebouw in Rotterdam 1850-1940. Zwolle: WBOOKS, 1992

GROENENDIJK, Paul 2017. The Basic Plan by Van Traa [online]. [Acesso em: 24 Jun. 2017]. Disponível em: <http://www.wederopbouwrotterdam.nl/en/tijldlijn/basic-plan-van-traa/>

GROENENDIJK, Paul; VOLLAARD, Piet. Architectural Guide to the Netherlands 1900-2000. Rotterdam: Nai010, 2013.

HET NIEUWE INSTITUUT, 2015. The Netherlands builds in brick [online]. [Acesso em: 29 Jun. 2017]. Disponível em: <https://nederland-bouwt-in-baksteen.hetnieuweinstituut.nl/en>

HOEVEN, Ernst van der; VANSTIPHOUT, Wouter. Het Waterproject van W. N. Rose Rotterdam (1841-1998). Rotterdam: Crimson, 1998.

JACOBSZOOM, Caspar Phillips. Grachtenboek. ca. 1770

JUZWIAK, Teresa. Rotterdam, The Netherlands: Migrant and Refugee Integration in Global Cities, The Role of Cities and Businesses. The Hague: The Hague Process on Refugees and Migration, 2014.

KINO, Carol, 2012. Fragrances as Art, Displayed Squirt by Squirt 'The Art of Scent' at the Museum of Arts and Design [online]. [Acesso em 20 junho 17]. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2012/11/16/arts/design/the-art-of-scent-at-the-museum-of-arts-and-design.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2012/11/16/arts/design/the-art-of-scent-at-the-museum-of-arts-and-design.html?pagewanted=all&_r=0)

LEUPEN, Bernard. Housing Design - A Manual. Rotterdam: Netherlands Architecture Institute, 2011.

LOURENS, Piet; LUCASSEN, Jan. Inwonertallen van Nederlandse steden ca. 1300–1800. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2005.

Marina Abramovic: The Artist is Present, 2012. Dirigido por AKERS, Matthew, Jeff DUPRE. EUA: Show of Force.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Sense and Non-Sense. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

NEDERLANDSCH INSTITUUT VOOR VOLKSHUISVESTING. Dutch Housing Legislation. Amsterdam: Drukkerij en Uitgeverij J. H. de BUSSY, 1961.

NISHIHARA, Kiyoyuki. Japanese Houses: Patterns for Living. Nova York: Japan Publications, 1971.

OLIVER, Paul. Dwellings, The Vernacular House World Wide. Nova York: Phaidon Press, 2003.

OPEN SOCIETY FOUNDATIONS. Muslims in Rotterdam. Rotterdam: Open Society Foundations, 2010.

PALLASMAA, Juhani. Identity, Intimacy and Domicile. In. PALLASMAA, Juhani. Encounters 1. Helsinki: Rakennustieto Oy, 2005.

PALLASMAA, Juhani. Lived Space. In. PALLASMAA, Juhani. Encounters 1. Helsinki:

Rakennustieto Oy, 2005.

PALLASMAA, Juhani. *The Eyes of the Skin*. Chichester: John Wiley & Sons, 2008.

*Paris Je t'aime*, 2007. Dirigido por Tom TYKWER, Walter SALLES e Daniela THOMAS. Alemanha: First Look Studios.

PENNARTZ, Paul. *The Experience of Atmosphere*. In. CIERAAD, Irene. *At Home, an Anthropology of Domestic Space*. Syracuse University Press, 1999.

ROMER, Herman, 2008. *Economic crisis: The ghost image of the thirties* [online]. [Acesso em: 28 junho 2016]. Disponível em: [http://www.hermanromer.nl/?page\\_id=106](http://www.hermanromer.nl/?page_id=106)

ROSSELIN, Céline. *The Ins and Outs of the Hall: A Parisian Example*. In. CIERAAD, Irene. *At Home, an Anthropology of Domestic Space*. Syracuse University Press, 1999.

RTV Rijnmond Extra, 2011. *Rotterdamers van formaat, aflevering 6: Willem Nicolaas Rose* [online]. [Acesso em: 21 junho 2017]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sb6cbsokxTc&index=6&list=PL76662F35E9AB80E6&spfreload=10>

STADSARCHIEF ROTTERDAM, 2017. *Willem Gerrit Witteveen (1891-1979)* [online]. [Acesso em: 24 junho 2017]. Disponível em: <http://www.stadsarchief.rotterdam.nl/willem-gerrit-witteveen-1891-1979>

STENZEL, Emilia. *50 Anos de Arquitetura*. Brasília: Senac, 2012.

T. HALL, Edward. *The Hidden Dimension*. Garden City: Anchor Books, 1990.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Rotterdam [online]. [Acesso em: 06 junho 2017]. Disponível em: [www.britannica.com/place/Rotterdam-Netherlands](http://www.britannica.com/place/Rotterdam-Netherlands)

WENTHOLT, Rob. *De binnenstadsbeleving en Rotterdam*. BVRW, 2012.

WIJNGAARDEN, Andries van; HOOYKAAS, Frans. *Rotterdam Woont. Atlas van de Rotterdamse Woningbouw 1840-2015*. Bussum: Thoth, 2016.

ZWEIG, Stefan. Sternstunden der Menschheit. Frankfurt am Main: Fischer, 1983.